ANO 10.º LISBOA — QUINTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1930 N.º 2789

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 152 / Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PALAVRAS de "Informaciones", diario de Madrid:

—"Os comentaristas politicos espanhois teem a obsessão da *incoguita*. Para eles em todos os momentos dificeis, em toda a crise grave, tem que haver uma *incognita* que lhes roube o socego. Se acaso não existe, eles proprios a inventam, levados pelo seu irresistivel pendôr para os hieroglifos indecifraveis. Desde o *castiço:* —"Estão contentes os Conchas?„ até o "E' necessario definir-se„ dos nossos dias, a vida nacional não é mais que uma sucessão de *incognitas* —quasi sempre produto da fantasia mais ou menos inflamada dos bons aficionados que gostam de lançar-se no redondel politico„.

Em Espanha estão-se passando cousas que muito se parecem com cousas que se deram em Portugal. Alguns artigos da imprensa de Madrid, se não estiveramos prevenidos, julga-los-hiamos traduzidos de jornais portugueses—de ha vinte e tal anos. A mania das *incognitas* é comum aos dois paises. Assuntos e problemas que devem ser estudados e resolvidos, á luz do dia, tambem, entre nós, são encarados como encerrando significações cabalisticas. Ha sempre quem, mesmo diante da evidencia, tape os olhos com as mãos e pense consigo:

—Para que é tanta luz?

* * *

O GOVERNADOR de Barcelona foi procurado por dois cocheiros catalães que se propõem percorrer, em 8 meses, e num "faeton„ puchado por dois cavalos, as estradas de França, Belgica, Alemanha e Suissa, partindo no fim do mês corrente e coincidindo com a exposição retrospectiva de carruagem. E a comissão executiva da Exposição de Barcelona subsidiou os dois arrojados cocheiros com dezesete mil pesetas.

Quando surgirá um dos ultimos "batedores„ das classicas "tipoias„ lisboetas que se aventure com suas "pilecas„ pelas sete partidas do mundo?

* * *

NA Alemanha, descobriram-se cincoenta mulheres casadas que deram á luz novecentos filhos—desoito por cada uma. São vivos ainda oitocentos e três!

Estes exemplos de fecundidade provam que os alemães pensam no futuro. As raças exgotadas, praticando o neomaltusianismo, condenam-se a viver... de recordações.

* * *

O SR. dr. Agostinho Fortes realiza depois de amanhã, pelas 21 horas, na Associação do Registo Civil, uma conferencia subordinada ao tema "Republica e Instrução„ promovida pela Liga dos Estudantes Republicanos da Faculdade de Sciencias.

* * *

O "Figueirense„ refere-se, em termos cativantes, á conferencia do nosso director sôbre *O Mar: Escola da Nação*, na sua correspondencia de Lisboa, a cargo do distinto jornalista sr. Rodrigues Laranjeira a quem apresentamos os nossos agradecimentos.

UM MOVIMENTO SIMPATICO

OS GREMIOS REGIONAIS

Pedem-me que advogue uma causa dos gremios regionais criados em Lisboa, e que consiste na instalação de sédes proprias em casas construidas expressamente. Claro que são as regiões interessadas e as suas colonias da capital quem ha de levar o calhau pela ladeira de Sisifo, mas desde logo é evidente que á Camara Municipal de Lisboa, como autarquia local metropolita, tipo das outras, e, pelo seu vulto fiscal, naturalmente indicada para engrandecer iniciativas, compete ajudar os gremios em questão a realizar o seu sonho.

Parece que a formula seria esta: uma concessão gratuita ou privilegiada de terrenos — por exemplo, no Parque de Eduardo VIII, — onde se erguessem os pequenos solares das provincias com o seu calor sempre tépido para os saudosos desenraizados.

Acho a ideia simpatica e muito mais digna de factos do que de palavras encomiasticas. Pouco conheço da actividade dos gremios regionais, e creio que se cingem por ora ás fórmas mais faceis e baratas da sociabilidade: a dança e a conferencia. São, além disso, procuradorias zelosas dos interesses provinciais, e tanto basta para que olhemos para eles com olhos demorados, no palpite de que luze ali uma das muitas esperanças da renovação do ambiente.

Sempre que nos não apeteça fugir para o casulo interior, o que é uma tibia forma de protesto contra o desafino colectivo, há que aceitar os moldes de vida em comum que o pobre contôrno nos oferece. Se são maus, deficientes, a culpa é de quem não entrou na sua modelação com um pequenino esfôrço. Se são anacrónicos, actualizemo-los. E a solução deste problema das casas regionais em Lisboa seria o unico meio de dar sangue novo áqueles gremios.

Para me prevenir contra algum leitor precavido, direi que o Gremio do Minho, o Alentejano, o Trasmontano, o dos Açôres, o das Beiras, do Algarve são para mim, idealmente, sérios entraves postos á louca e crescente metropolização do português deseixado, que se abandona ao fluxo e refluxo da vida inconsiderada do seu tempo. O urbanismo roi-nos a entranha dissociando-nos. Não se pode evitar, é certo, mas pode-se fazer sem perder de vista o cabedal de valores suburbanos em que se recruta esta pobre população sôfrega e flutuante dos grandes centros.

Uma vez abalada a raiz da vida antiga ,que era acima de tudo localidade e mediania — uma especie de polipeiro, — tornou-se o pais a um tempo, central e periférico, mas não medular, não português até ao fundo. O centro — Lisboa — é centro de si mesmo, e a periferia reduz-se a meia duzia de cidades aplicadas á tarefa secundaria de copiar Lisboa, no fundo fornecendo-a de apetites que engrossam o monstro inquieto, só consumidor, que é a burguezia de hoje, aliada a um proletariado emburguesado pela propria natureza da produção a que se chumba.

O que ha a fazer no meio disto? Regressar á formula da economia privada, á relegação do conjuge para lá do primeiro grau da linha colateral em direito sucessorio, como querem os passadistas, ou aceitar com afoita conformação a indole dos novos tempos, que desagregam o homem da terra e da familia? Vou pela dijuntiva. Mas vou pela dijuntiva tentando os correctivos que se me afiguram possiveis a este leviano esboroar da cidadania vinculada, adstrita a horizontes não movediços de terra e de interesses, calma, um pouco mazomba, mas afinal de contas a unica que dura e satisfaz.

Temos medo de viver no tufão de contradições que nos sopram de fóra, e a verdade é que o nosso modo de ser apático, ferrenhamente conservador, acabará fatalmente por nos sequestrar do mundo. Se temos uma essencia portuguesa, unica no universo, daquelas que o criador infunde esquecendo-se logo dos ritos que cumpriu ao infundi-la (para que seja em verdade singular), procuremos realizá-la em reacção com o de fora, recebendo-o á lei civilizada, com reconhecimento do seu fôro.

... Mas vinha isto a proposito dos correctivos a aplicar á urbanização em grande, e a urbanização em grande vinha a proposito da aspiração das colonias da provincia em Lisboa a terem casas de pedra e cal para nelas instalarem os seus gremios. Só deles podem nascer, e ao sabor dos correntes de opinião que se querem engolfar mutuamente, as directrizes de um reaportuguesamento integral do provinciano deslumbrado com o lucilar das grandes urbes. Esse reaportuguesamento deve visar sobretudo a neutralizar a acção do micróbio lisboeta que infecta a grande parte da população mais ou menos flutuante de Lisboa. Uma coisa é o tom alfacinha, legitimo num fundo de habitantes que conheceram avós domiciliados nas colinas da urbe pombalina, — outra a doença snob, falsamente cosmopolita, que ataca o adventicio ainda no cais e na *gare*.

Nem sempre a residencia ao pé do cinema falado universaliza as multidões. Estou em dizer que quasi nunca. O que é fundamente humano não está á espera do chamado progresso para se humanizar um pouco mais, e até o excesso de emoções colhidas á flôr da pele embota o coração por falta de uso. O coração é o que ha de mais provincial em nós. De mais terra, *circunstancia*, atmosfera familiar que bebe o suspiro aos moribundos. Demos o espirito á Europa e mandemos o coração para a provincia.

VITORINO NEMÉSIO

PASSA, no proximo dia 18 o aniversario da primeira conferencia da Paz. A tal respeito as crianças do País de Gales e as da ilha Formosa dirigiram ás crianças de todo o mundo civilisado as duas mensagens que a seguir publicamos—mensagens que, ousamos espera-lo, não deixarão de encontrar simpatias em Portugal.

"Nós, rapazes e meninas do País de Gales, das nossas montanhas e vales, das nossas alde as e cidades, saudamos com alegria os rapazes e meninas de todos os paises que existem debaixo do sol.

Quereis, milhões de vós, juntar-vos a nós hoje, para pensar com gratidão naqueles homens e mulheres de todas as raças que trabalham tão afanosamente por construir um mundo mais belo e melhor?

E quererá cada um de vós associar-se a nós em pensamentos, palavras e acções, de hoje em diante, para a edificação deste mundo melhor e mais belo?

A Liga das Nações conduz a este caminho. Auxiliemo-la com todo o nosso poder a prosseguir a sua grande obra de Paz na terra e bôa vontade por entre os homens".

"Não queremos mais guerras, estas pertencem á antiga ordem das coisas. A nossa epoca deve ser a idade da Paz e amizade. Temos esperança de que todos os aeroplanos e engenhos do ar servirão de anjos de paz, que, em lúgar de navios de guerra, construir-se-hão paquetes e que coisas uteis fabricar-se-hão em vez de espingardas e canhões

Quando nós, crianças, crescermos e tomarmos os nossos lugares na nova ordem das coisas, sempre guardaremos na mente os ensinamentos do nosso grande imperador Meiji, que escreveu num dos seus poemas:

"Consideremos os povos dos quatro mares como Irmãos e Irmãs".

* * *

SOMOS informados de que o exame á escrita da Companhia de Cabinda a que ontem nos referimos é realizado em acção que o sr. José Parreira propoz para serem declaradas nulas deliberações que, em processo de suspensão, foram consideradas perfeitamente legais pela Relação de Lisboa e pelo Supremo Tribunal de Justiça e que já foram executadas.

Como resulta da propria natureza da acção, o exame só pode destinar-se a averiguar as condições de facto em que as deliberações foram tomadas, assunto este que não merece a minima duvida porque as actas das assembleias gerais são bem claras.

* * *

O DR. Ardisson Ferreira publicou, com o titulo de *Versinhos*, um ligeiro livro em que reuniu as suas lindas quadras sôbre o inexgotavel têma lirico—o amor. Algumas são já conhecidas dos leitores do *Diario de Lisboa*. Todas juntas formam um pequenino jardim, onde as flôres mais belas são precisamente as que mais se velam numa suave penumbra—confissão e confidencia.

* * *

O SR. dr. Joaquim Manso, director do *Diario de Lisboa*, irá, no fim deste mês, ao Porto fazer uma conferencia sôbre o seguinte tema—*Portugal*, a convite da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

Radiotonia

Programas escolhidos

PARA ESTA NOITE, recomendamos aos amadores a audição das seguintes emissões estrangeiras

A's 19.00, de **Radio-Paris** (1.724,1 m.): «Politian», de **Edgar Poe** (Zoubaloff), com Suzanne Després, Lugné-Poe, etc. No intervalo, «Interlude dramatique» (Coppola), pela orquestra.

A's 19.15, de **Berlim** (283 e 418 m.), ou **Francfort** (390 m.), ou **Langenberg** (473 m.): Concêrto d'orquestra «Preludio solene» (Hoef,er), «Concêrto para piano em mi maior» (Beethoven), «Variações sôbre um têma de Mozart» (Reger).

A's 19.40, de **Huizen** (1.875 m.): Carrilhão do Palacio Real de Amsterdam. Obras de Mozart, Schubert, Mendelssohn, Beethoven, Bellini, Valerius, etc.

A's 20.00, de **Toulouse-Pyrénées** (255 m.): Concêrto sinfonico, obras de Razigade, Massenet, Gounod, Schubert, Schumann, Charpentier, Mascagni, etc.

A's 20.00, de **Radio-Maroc** (416 m.): Concêrto sinfonico, solos de violino e violoncelo.

A's 20.02, de **Roma** (441 m.) ou **Napoles** (331.4 m.): «Iris» (Mascagni), «Gioconda» (Ponchielli), «Gianni Schicchi» (Puccini).

A's 20.05, de **Londres-Regional** (356.3 m.): Concêrto (Adlington, Purcell, Boyce, Rowly, Scott, Byrd, etc.

A's 20.40, de **Hilversum** (298.8 e 1.071 m.): Concêrto d'orquestra (Strauss, Eugens, Borchert, Percy, Herzer).

A's 20.45, de **Argel** (363.6 m.): Musica de camara (Maugay, Somis, Goltermann, Jenkonson, Beethoven).

A's 21.05, de **Barcelona** (349 m.): Concêrto d'orquestra (Drescher, Caryll, Guerra, Vila). A's 22.05, Radio-teatro.

A's 21.40, de **Londres-National** (1.554.4 e 261.3 m.): musica de dança.

A's 22.00, de **Madrid** (424 m.): Concêrto pelos coros do Palacio da musica. A's 24.00: musica de dança.

Casa Barbosa & Costa

A fim de colherem as ultimas novidades em mobiliario de luxo, seguiram hoje para Paris, no «Sud», os proprietarios da acreditada Casa Barbosa & Costa.

Olimpia Club

HOJE — Sensacional estreia

Diez Cobrejas

Bailarinos acrobaticos e comicos

Jantares à americana Esc. 10$00.

Na Taverne: Fados por **Maria Alice, Ermelinda Vitoria e Julio Proença.**

BOLSA DE LISBOA

15 de Maio

CONTADO

VALORE	Precedente	Compra	Venda
P. Int. 6 ½ 0/0 1923 O	950$50	950$00	951$00
P. Ext. 3 0/0 1.ª série...	993$00	—	993$00
P. Ext. 3 0/0 2.ª série...	—	—	1.000$00
P. Ext. 3 0/0 3.ª série...	—	—	—
Banco Com. de Lisboa	—	507$00	—
Banco Lisboa & Açôres	—	507$00	518$00
Banco de Portugal.....	991$00	990$00	998$00
Banco Port. e Brasileiro	—	—	—
O.ª O. F. de Benguela	1.620$00	1.615$00	—
O.ª O. F. N. L. 3 0/0 2.º g.	65$50	65$00	66$00
O.ª das Aguas de Lisboa	330$00	320$00	335$00
O.ª Gaz e Electric.. cou.	272$00	271$00	27[illegible]$00
Soc. Industrial Aliança	202$00	200$00	20 $00
O.ª Portugal e Colonias	110$00	109$00	110$00
O.ª Nac. de Navegação	263$00	262$00	265$00
O.ª Tabacos de Portug.	422$00	4[illegible]6$00	425$00
O.ª Portug. de Tabacos	330$00	328$00	330$00
The Match Tobacco T S. C.º.....	84$50	84$50	85$00
Tabaqueira.....	470$00	460$00	470$00
O.ª Amboim.....	125$00	124$50	126$00
O.ª Col. Buzi 1.ª emissão	—	65$00	68$50
O.ª Col. Bu[illegible] 2.ª emissão	—	—	—
O.ª de Seguros Sagres...	—	—	1.400$00
O.ª de Seguros Mundial	—	—	385$00
O.ª Ilha do Principe...	—	—	—

CAMBIOS

NOTAS ESTRANGEIRAS

PRAÇA	Compra	Venda
Londres	108$00	108$50
Paris	$86	$88
Madrid	2$70	2$74
New-York	22$20	22$35
Zurich	4$28	4$31
Roma	1$16	1$17
Bruxelas	3$10	3$12
Amsterdão	8$94	8$99
Berlim	5$25	5$31
Praga	—	—
Rio de Janeiro	2$45	2$50

ARTE E ARTISTAS

A EXPOSIÇÃO de Jorge Barradas

O proposito de Jorge Barradas, de ter os seus quadros nesse ambiente de *stand*, imediatamente evocador da exaltação dionisiaca dos 120 quilometros á hora e do acre *sirocco* da Vertigem, emmaranhando-nos o novêlo todo dos sentidos como uma unha aspasmica de velho maltez, ouriçado de vicios; este proposito de depôr o produto das suas crises de plástico nessa especie de templo erguido a um deus absconso: o *chauffeur*, de que Keyserling faz a suma timpanica do inquietismo e das curiosidades exaustivas do seculo vinte ,como não ha faisôa, nem perdigueiro letrante que já não saiba, depois das três noites sapientissimas da *Sociedade de Geografia*, — um tal proposito, vamos, implica a certeza antecipada, para quem entra, de ir ali encontrar um estrepitoso desgarre de linhas, um pluri-hodierno festão de motivos, um marulhante «pêle-mêle» de perspectivas *acotovelando-nos* os olhos com *trouvailles* opimas de Côr e de Nuance.

Como respeitou o expositor o tácito compromisso tomado?...

E' uma pregunta que me encontro, muitas vezes, a fazer ao *bonhomme* coscuvilheiro que ha em mim: se será dispensavel, num fixador amoroso de contornos, ou presto iluminista de tons, o adjuvante milagrento da cultura, isso que transmuta uma sensibilidade e um espirito, em antena, aonde todos os fios de todas as sabedorias vão prender...

Os que desenvencilham das Formas o seu recondito enigma cioso, ou cativam na lona fulaciosos migalhos do prisma, podem bastar-se com uma erudição varicosa de romances aos fasciculos; achar, como toda a gente, que não ha nada, em poesia, superior aos *Lusiadas*, e decidir, perante Faustino da Fonseca, por exemplo, que *temos cá dentro* tão bom, como o que vem lá de fóra?

Mallarmé, escrevendo sôbre a sua amiga Berthe Morisot, cuja arte subtilmente acaricia como poalha de lua, — definiu o pintor: — *um oeil, une main...*

Columbano, — diz-se, — fóra da flamigera sarça do seu mister, era um ignorante convicto, cujas permeabilidades de leitor facilmente deixavam coar toda a agua chilra dos belfurinheiros gagos da Ficção...

Mas Delacroix, Fromentin, Albert Bernard, Carriére (de que Séailles fala num livro profetico, que é para esse Cristo dos convulsivos esfumaçamentos um segundo Evangelho de S. João) — esses saltaram muito para além do *limite*, posto, com galantissima bonomia, pelo melodista da *Pénultiéme*.

As suas obras são, por esse motivo, mais do que a anecdota duma tal ou qual clarividencia pupilar, fazendo *duo* com uma desenvolta mecanica de dedos, (como é o caso de quasi todos que nã têm a intensificar-lhes os pruridos da visualidade, queimarços de cérebro), a biografia excelsa de Pensamentos, resolvendo os seus conflitos e as terebrantes incognitas da sua algebra psiquica, pelos feitiços da côr e as assunções ritmicas da Linha...

...— *Un oeil, une main...*

E é que não consigo descortinar outra coisa nessas tantas dezenas de quadros, que ora adornam o salão automobilista da Avenida...

O autor é-me simpatico. Tamanino, sua bengala de homem decidido, que ele trás ás vezes com uma solenidade de báculo, á certa nesses ingorgitados instantes em que até os criados de restaurante se imaginam, vá-se lá saber porquê? pantafaçudos reis da Vida, chapeu mole pôsto sôbre o lado, num «não me importo» audaz de mosqueteiro; flócos dum sorriso panglossiano camarinhando-lhe por toda a expressão; com um acentuado ar de *baby* saxónio no vidrilho azul dos olhos e no loiro-cerveja dos cabelos, — a sua figura fere deliciosamente pelo contraste com a etiqueta portuguesa que tem nos seus cartões...

Que ele pertence ao numero daqueles artistas, aos quais não chega o tempo para lerem, a não ser o jornal do *freguez*, que lhes fornece o predio, ou o volume topado sôbre a mesa do modêlo *mais coisa*, — dizem-no, indiscretamente, as composições que intitula de «Poetas». O que está lá nas legendas, de grandiloquo e de mirifico, a contradizer-se com a mesquinharia surreifa do ambiente pintado, e o escanzêlo fisico dos pobres *sires* que preenchem a scena, só a um entendimento simplista é que poderia passar por castigador de um modo de ser endémico.

E' claro que os poetas, mais ou menos todos deliram e são muito capazes de construir sôbre uma hipotese de moeda, asfixicos tesouros de Grão Mongol... Eh, mas isso, muito antes de poder ser um *motivo* de plastico humorista, já era um *parti-pris* de costureira.

De resto, mau vai a um pintor de oleo ter começado por caricaturista. Porque, a cada passo, o servilhete obstinado do riso intervem, com a chufa debaixo do braço e o béque a fremir de malicia, e onde se quere exalçar, deforma-se, onde se propositára entretecer um cantico, zig-zagueia-se um assobio...

E' curioso que até as proprias tintas parece que fazem surriada, e em vez de se ajustarem em donairosas nupcias de tons, dir-se-ia que piscam o olho, com uma cinica solercia, como que a ciciarem: — Não acreditem!...

No entanto, vale, de facto, na exposição, além das *aprendizas*, dum certo *croquis*, do marítimo esbelto da *Nazareth*, mais o rapaz do carapuço verde, — a longa série das *Máscaras*.

Essas cabeças de mulher são *assim mesmo*, com o bruxedo incubo dos olhos e a carnação de pesadêlo de morfina, que a neuróse estridula deste estridulo seculo vinte *inventou* para certas cabeças de verdade!...

CARLOS PARREIRA

SIFILIS

e toda a intoxicação ou infecção do sangue, reumatismo, obesidade e artritismo em geral

TRATAMENTO FISIOTERAPICO ESPECIAL

sem mercurio, sem arsenico e sem nenhum outro medicamento

CONSULTORIO FISIOTERAPICO

Rua Cidadão João Gonçalves, 20 (Intendente)

Grande Hotel d'Italia

Mont'Estoril

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

RUA DO AMPARO, 51, LISBOA — Telefone N. 4020

Judith Furtado Coelho

GIMNASTICA RESPIRATORIA

Travessa do Carmo, 11, 2.º — Telefone T. 1577

Retratos a côres

Os retratos coloridos estão em moda. Na Photographia Brasil executam-se maravilhosos retratos de senhoras e creanças a Aguarela ou Oleo.

R. da Escola Politecnica, 141

JANSEN

Grande Cervejaria

Bifes á Jansen

Camarão fresco todos os dias

Grande Hotel Estrade

Monte Estoril

Telefone 9 — Estoril

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Maria Teresa Valdez Pinto da Cunha, D. Maria Madalena Lopes de Brion, D. Maria Margarida Galvão Mexia de Bramão, D. Gabriela de Sampaio de Carvalhosa Van-Zeller, D. Maria de Almeida de Eça Pimentel, D. Jeronima da Camara Berquó, D. Isabel Maria da Costa de Sousa de Macedo ((Vila Franca) e D. Maria Cecilia Sepulveda Souto Palmeirim.

E os srs.:

Visconde de Vale Paraiso, Gonçalo de Barbosa Sottomaior, Alfredo Lamas, Carlos Burnay Soares Cardoso (Marco), Antonio Mendes de Castro e Vasconcelos e Augusto Reis Machado.

Casamentos

Realizou-se, na igreja de Santo Antonio do Estoril, o casamento da sr.ª D. Mariana da Camara de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), filha da sr.ª D. Teresa Zarco da Camara Daun e Lorena e do sr. D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), com o sr. João Costa Lopes, filho da sr.ª D. Maria da Soledade Costa Lopes e do sr. João Caetano Lopes, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Maria Rita Daun, e Lorena de Calheiros e Menezes e D. Maria da Nazareth de Almeida Daun e Lorena e de padrinhos os srs. dr. Augusto Cardoso Pinto e João Penha Lopes.

Na assistencia notavam-se as senhoras: Marquesa de Pombal, Condessa de S. Tiago, Viscondessa dos Olivais, D. Teresa Zarco da Camara de Carvalho Daun e Lorena e filha, D. Maria da Soledade Costa Lopes e filha, D. Maria Carlota de Bragança Correia de Sá, D. Maria Luisa de Vilhena Magalhães Coutinho da Camara, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Elvira de Calheiros e Menezes, D. Maria Rita Daun e Lorena de Calheiros e Menezes, D. Maria da Nazareth de Almeida Daun e Lorena, D. Maria Desiré Moniz da Camara, D. Maria de Lancastre Cardoso Pinto, D. Mary de Arriaga Posser de Andrade, D. Maria Teresa de Arriaga Borges de Sousa Ximenes Teles, D. Maria Emilia Calheiros e Menezes Braga e filha, D. Maria Daun e Lorena Bruges de Oliveira, D. Maria Francisca Palma de Travassos Valdez, D. Maria Amelia Pereira da Cunha, D. Gabriela Pereira Cantarino, D. Maria da Conceição e D. Amelia Lopes, D. Leonor de Carvalho Daun e Lorena, D. Leonor Ernestina de Carvalho Daun e Lorena , D. Maria José Bruges de Oliveira, etc.

E os srs.:

Marquês de Pombal, Conde de S. Tiago, D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), João Caetano Lopes, D. Carlos e D. Caetano Zarco da Camara, dr. José Maria Posser de Andrade, João Penha Lopes, dr. Ruy Travassos Valdez, dr. Augusto Cardoso Pinto, Eduardo Correia de Sá (Asseca), Francisco José Luis e Fernando de Calheiros e Menezes, D. José Luis de Saldanha Oliveira e Sousa, Bento Sebastião Maria, Sebastião José, Manuel Carlos, Manuel José e Luiz Filipe de Carvalho Daun e Lorena, tenente Mario de Carvalho Nunes, Manuel Braga, Baltazar de Mozer, José Alegro, Francisco José de Carvalho Calheiros e Menezes, etc.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas e valiosas prendas.

A Caridade

Chá Dançante

Formam a comissão organisadora do «Chá dançante» que no proximo domingo se realiza nos salões do Grande Hotel de Italia, no Monte Estoril, a favor da Casa de Trabalho de Santo Antonio do Estoril e de varias obras patrocinadas pelo grupo das «Noelistas», as senhoras:

D. Ana Laboreiro de Vila Lobos de Mira Mendes, D. Gabriela Pereira Cantarino, D. Maria Alexandrina de Abreu da Costa de Sousa de Macedo, D. Maria Eduarda Nunes de Carvalho, D. Maria Helena Belmar da Costa e D. Maria Herminia Santos Oliveira.

Pontos de reunião

No Tivoli

«A Castelã das Berlengas» atraiu a êste aristocratico cinema uma selecta concorrencia, entre a qual nos recorda ter visto as senhoras:

Condessa de Farrobo, Condessa de Tomar, Viscondessa de Coruche e filha, Madame Lino, D. Margaret May de Carvalho, D. Maria Helena Nobre da Costa, D. Maria Amelia Maia, D. Ilda do Nascimento, D. Maria Luisa Carvalho Monteiro, D. Maria Adelaide Daun e Lorena Bruges de Oliveira, D. Maria da Conceição Carvalho Ricca, D. Ana da Camara Ferreira, D. Maria do Ceu Pinto d'Almeida Fernandes, Madame Sequeira Nunes, D. Isabel Costa, D. Gabriela da Maia Aragão Carneiro, D. Rita de Sommer Pereira, D. Maria Carlota Sommer Pereira Salgado, D. Mafalda Magalhães e filha, D. Delfina Vieitas Galeão Roma, D. Maria Luisa de Melo Ulrich, D. Maria do Carmo Costa Lima de Melo, Madame Sequeira Nunes, D. Clementina e D. Alice Ermida Barreira, Madame Silva, D. Joana S. Mamede Teixeira, etc.

DANÇA Lições avulso, particulares' classes e «soirées» Prof. Machado, campeão sud-americano, e m.elle Gaby.—R. do Alecrim, 46, 1.º Telef. T. 5005.

Dr.ª Laurinda Alambre

Doenças do Utero e anexos — Partos —Clinica geral de senhoras.

Rua Garrett, 74, 1.º—Tet. C. 2186

Das 13 ás 16 h.

Usem a lampada MAZDA

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA de Quinta-Feira

por Norberto de Araujo

D. JOANA DE PORTUGAL

Para os meus oito leitores fieis escrevi ha semanas uma «Página» a proposito da Conferencia que em Madrid, na Real Academia de Historia, realizou D. Gregorio Maranon, medico espanhol muito categorisado, scientista mesmo, de nome distinto, e que tambem se entrega a estudos historicos, tão sérios como ligados á sciencia medica.

Os medicos têm, frequentemente — mais que os homens de Direito — uma tendencia, um gôsto refinado, para coisas de historia. Começam por fazer historia que se liga a figuras que ficaram sujeitas á analitica da crítica medica postuma. Depois, entusiasmam-se, e convertem-se em historiadores. A Historia é uma sciencia — fria e emotiva a um tempo. Transpira emoção, através o gêlo necessario para acalmar as paixões. Um eminente professor de anatomia do meu país dizia-me uma vez, na sua sala cheia de sc'e de rosas, que «os cadaveres suam beleza».

— Veja como é belo este cadaver...

Em Portugal são alguns os medicos que se dedicaram e dedicam á Historia e á Arte. Vamos ao acaso: Sousa Martins, Julio Dantas, Egas Moniz, Reinaldo dos Santos. (Devo ter omitido nomes dignos de citação. Não o faço por mal).

A Conferencia de D. Gregorio Maranon teve por tema Henrique IV, de Castela, um anormal sexual, timido, eunucoide, acromegalico, homo-sexual, tipo digno de um estudo morfologico, capaz de interessar leigos em sciencia—como eu—, mas sobretudo sugestivo para individuos de especializada cultura scientifica e acrisolado amor á Historia — verdadeira.

Foi nos jornais espanhois e em revistas de sciencia que li o relato sucinto da Conferencia de Maranon, e que, devo explicar, me interessou porque nela se focava a figura de D. Joana, irmã de D. Afonso V, segunda mulher de Henrique IV, mãe de D. Joana, a «Beltraneja», que esteve para ser, em dado momento, o traço de união para a unidade politica da Peninsula, ao menos de Castela e Portugal.

Foi isto, no seu aspecto politico, e não no aspecto scientifico, aliás fulgurante, que me interessou.

D. Gregorio reabilita a memoria da irmã de D. Afonso V, e eu, que por meus modestos estudos e leituras, a via como D. Gregorio a viu, rejubilei, fazendo os meus reparos, que mantenho, embora sem consequencias algumas para a Historia e para a Sciencia.

D. Gregorio Maranon envia-me agora, gentilmente, o seu volume, no qual a Conferencia, que eu só conhecia de extractos, é desenvolvida. Trata-se, confirmo, de um estudo notavel este «Ensayo biologico sôbre Henrique IV de Castilla y su tiempo» (Comp. Ibero Americana de Publicaciones, Madrid).

Acabo de reler o volume, e a figura de D. Joana desenha-se, em relevo, sôbre o fundo desta minha mesa de trabalho, onde rosas da estação, e dos meus canteiros (eu consigo ter rosas) põem uma notazinha de beleza viva, que me encanta os olhos e me dá á alma uma frescura infinita.

* * *

O caso é este: D. Joana «la de la mala fama» aparece através muitos escritores de Espanha, coevos, como uma adultera. Foi amante de D. Beltrão de la Cueva. E sua filha, tambem Joana, não era filha do Rei Henrique IV, mas de D. Beltrão. A arguta, astuciosa, e aliás legitima, politica espanhola, que favorecia a depois grande Isabel a «Catolica», apoiava-se neste «escandalo». Simplesmente eu tive (e outros teriam tido, porque eu não descubro a polvora em coisa alguma da minha vida de amador de letras), eu tive para mim que D. Joana, muito criança, casada com o aborto, feio, violento, grosseiro e viscoso Henrique, «deficiente» sexual, mas não provadamente «incapaz», não foi nada disso.

Era uma mulher criança que, isolada, abandonada na côrte, se divertia, «a quien placian hablas de amores», «coquette» — passe o galicismo — resignada, sacrificada, «una mujer como las demás», nada hipocrita, bela, encantadora mesmo, mas não desonesta.

Hernando de Pulgar, em quem busquei apoio, apenas de incidente crítico, já tinha sentenciado que «el adulterio fué sólo un rumor de calle». («Cronica dos Reis Catolicos»).

D. Joana, aliás reconhecida pelo rei á hora da morte, como herdeira e filha, a infeliz «Beltraneja» — foi filha legitima.

A voz do povo, que a raros principes não tem atingido, serviu maravilhosamente á irmã do rei defunto para subir ao trôno.

D. Gregorio Maranon diz no seu livro, a que me refiro, que o tal adagio de que «voz del pueblo es voz divina» é citada quasi sempre «para justificar torpezas». A multidão tem o Juizo superficial e intolerante. Esse juizo serviu aos aduladores da futura rainha Isabel, e foi — hemos de confessar — o génio espanhol que a aproveitou.

* * *

Dava uma grande figura de teatro, mais que de romance, esta «triste Reina», Joana de Portugal.

Aos 17 anos — e não aos 15 como reincide D. Gregorio, foi levada para Castela, a casar com um Rei, gigante mostrengo, divorciado já da primeira mulher Branca de Navarra. Era inocente do mundo e dos homens. Fazia-se rodear de uma côrte de damas portuguesas, tão lindas como ela; envolvia-se em luxo e requinte, perfumes e seduções das pequeninas grandes coisas da arte feminina de entontecer os homens, e que é muito antiga.

Sem que Castela lhe désse um dote, ela deslumbrava, como diz o nosso Ruy de Pina «com os sós corregiamentos de sua pessoa, casa e camara, que foram muito riais e de grão comprimento».

Gostava de folguedos, de cantares e de romances de amor. Ria, brincava. O seu coração era puro, os seus olhos inocentes. O amor era um brinquedo que ela não pretendia destruir. O Rei, tôsco, misantropo, desalinhado, sujo, mal cheiroso, lugubre de aspecto— abandonava-a a uma chusma de galãs. Rodeada das suas damas portuguesas, mosca metida na teia da intriga e da calunia—de quem nem sequer se apercebia— Joana, irmã do Rei de Portugal, ria... e defendia-se com a alegria, que a historia sabe que era natural, mas não poderá dizer que era «naturalmente cultivada». E era-o talvez.

«Pajaro enjaulado», que batia as asas na sua gaiola, que guardava para si heroicamente a sua desgraça, rainha sem rei, maridada sem marido, jovem, formosa, sem perceber nada da hipocrisia castelhana e contrapondo-lhe uma vivacidade que a sua rara beleza comprometia—D. Joana breve começou a ser tida por leviana. Apenas porque ria—e era bonita. «No hay una sola prueba cierta, ni una sola de la veracidad de sus relaciones pecaminosas» — confirma-me D. Gregorio Maranon.

Foi D. Afonso, irmão do Rei, logo seu cunhado, quem primeiro a caluniou. E D. Beltrão de la Cueva deixava-se ir na dôce fama, com afirmações ambiguas, proprias de todos os Don Juanes, como Beltrão, sujeito a toda a sorte de «pavoneos canallescos».

D. Joana ignorava tudo isto. «A Leviana», na sua inocencia das intrigas politicas, na sua inconsciencia de mulhersinha — deixava correr. Um cronista, Padre Flores, nas «Reinas Catolicas» já dissera: o seu unico defeito foi ser linda e alegre. E subtilmente o americano Prescott, que Maranon não cita, já estranhava que deixando-se afamar pai da «Beltraneja», D. Beltrão, depois duque de Albuquerque, não fizesse valer os direitos da pequena Joana, á corôa de Castela.

Henrique IV não era porém— prova-o D. Gregorio, rigorosamente, á face do seu estudo biologico e morfologico—um «incapaz». Era um pessimo marido, e um homem reles. A homo-sexualidade não é uma prova de incapacidade. Maranon, scientificamente, para tanto se estriba em Comenge, mas não era preciso. Era de uma impotencia «relativa»—e tivera mesmo amantes.

E D. Joana deu á luz D. Joana, no sexto ano do seu casamento. Tinha a chamada «Bretaneja» cinco anos (1467) quando a Rainha portuguesa de Espanha—foi por ordem do marido encerrada no Castelo de Alaejos, onde ficou guardada pelo arcebispo de Sevilha, que —claro!—tambem lhe fez a côrte.

Aqui, porém—a sua alma despertou. O seu sangue escaldava. Entregou-se ao filho do Arcebispo, um rapaz, D. Pedro de Castilla, bisneto de Pedro «o Cruel», como ela era bisneta de outro D. Pedro «o Cru», pai do mestre de Aviz. Com este moço fugiu do Castelo, quando Henrique IV a reclamava outra vez para a côrte, e dele teve dois filhos, um dos quais já ia no ventre, quando ela iludiu a vigilancia do galante arcebispo.

D. Beltrão, o gabarola D. Juan, quando lho contaram — revela Alonso de Palencia, na cronica de Henrique IV—limitou-se a desabafar: «tinha as pernas delgadas».

D. Joana, «la triste Reina», a «Leviana», nunca mais deixou o seu amor. Dramatica e heroicamente foi a sua «mulher». E de tal maneira, com tamanho ardor e fé, que quando morreu, aos 36 anos, no convento de S. Francisco, em Madrid, e «em cheiro de santidade»—a D. Pedro de Castilla deixou todos os seus bens. Mais tarde, Isabel a Catolica levantou-lhe um imponente mauscleu, talvez em agradecimento á sua... leviandade.

Tão mulher foi, tão feminina e gloriosa da sua beleza, tão coerente com o orgulho da sua formusura, que pediu que a enterrassem num lugar ôco «que no llegue luego la tierra sobre mi».

* * *

Morto Henrique IV no mesmo ano em que ela morreu (1475), veio a contenda politica da sucessão, na qual a filha legitima e legitimada dos Reis, a pequena Joana, a «Excelente Senhora», foi vencida, acusada de ser «Beltraneja».

«Os partidarios de Isabel, a Catolica, rejubilaram inventando dela as mais vergonhosas calunias»— escreveu Charlotte de Gaumont, na sua «Histoire secrete de Henry IV». A historia, com raras excepções, fez-se depois atravez a reputação que a politica nacionalista espanhola criou: assim Stiges, Palencia, Oviedo, Castillo.

A politica de Isabel triunfou, para bem de Espanha, e hoje a «triste Reina» é uma simples figura de novela, de romance, de cronica fortuita e debil, como esta minha, ou de uma desafronta honrosa e altaneira como o trabalho de D. Gregorio Maranon. Conclui este:

«...Pero nosotros tenemos que juzgarla con infinita compasion y simpatia». E tomando D. Gregorio para si o comentario da citada escritora do tempo de Luís XIV: «nadie será insensible a la desventura de esta Princesa expuesta a tantas violencias de los que la rodearon: la Reina Dona Juana de Portugal».

NORBERTO DE ARAUJO

OPERA NO COLISEU

"A Bohemia"

com Tomás Alcaide e Florica Cristoforeanu

Amanhã: "Turandot"

Em récita extraordinaria, para estreia do notavel tenor português Tomás Alcaide, realiza-se hoje no Coliseu a unica representação desta temporada da linda e popular opera de Puccini «A Bohemia», uma das mais belas e sentidas criações daquele brilhante artista, que apenas dará quatro espectaculos entre nós. O papel de «Mimi» é interpretado pela eminente soprano Florica Cristoforeanu, estando o desempenho das restantes personagens confiado a um admiravel conjunto de artistas.

A'manhã, a preços populares, volta á scena a celebre opera de Puccini, «Turandot», que na sua representação de ontem, renovou o grandioso exito do ano passado.

Companhia da Africa Occidental Portugueza

Assembleia Geral Extraordinaria

São convidados os Srs. Accionistas a reunir em Assembleia Geral Extraordinaria no dia 31 de Maio de 1930, pelas 16 horas, no edificio do Banco da Agricultura, rua de S. Julião, 190, para apreciar a situação economica e financeira da Companhia, deliberar sobre as medidas necessarias para resolvê-la, nomeadamente sobre a alienação de bens e garantias a prestar a operações de credito feitas ou a fazer.

Lisboa, 14 de maio de 1930.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

a) *Dr.. Carlos Barbosa*

O DIARIO DE LISBOA e SEMPRE FIXE vendem-se, na Covilhã, na casa José Guimarães Costa.

GIMNASIO Telef. N. 914
Companhia LUCILIA SIMÕES
HOJE — A's 9 1|2 da noite
A representação da peça em 3 actos e 5 quadros de Lucien Besmard
O SEGREDO DO HAREM

A Cidade

Royal Cine (Sonoro)
R. da Graça, 100 — Tel. N. 6791
HOJE—A's 21 1/2 horas
BUSTER KEATON (Pamplinas) em
O FIGURANTE

Chá das cinco

Os meus domingos

Os meus domingos, tão longe dos que o saudoso André Brun escrevia com sua peregrina graça, são tristes, quasi tão tristes como os domingos londrinos que Eça descreve nas «Cartas».

Não direi que me não seja grato ficar mais algumas horas na cama, por ausencia das obrigações do jornal, mas a verdade é que são estas mesmas obrigações que me forçam a ir até á dominical tourada, o que raras vezes me é grato.

Volto a casa, aborrecido, mas contente por voltar a casa...

Janto, como toda a gente, e fico vivendo o intimismo da minha soledade domestica, resignado como quasi toda a gente.

Mas acontece aos domingos o que não acontece nos demais dias: á hora serena do crepusculo, quasi á noitinha, ouvem-se, nas ruas desta Lisboa que Cesario Verde cantou, uns harmoniuns tristes «como a tristeza oceanica do mar». São os harmoniuns nostalgicos dos provincianos que mourejam na capital e choram a aldeia distante, os harmoniuns tragicos que os emigrantes fazem gemer nas terceiras classes dos transatlanticos.

O som dos harmoniuns que em Lisboa se ouvem nas tardes dos domingos oprime-me o coração, e sinto uma grande saudade por tudo que passou e todos que morreram, uma magua que quasi me faz chorar.

Mas, aqui para nós, e verdade verdadinha, creio que esta tristeza das tardes dos domingos me ficou de quando andava na escola e sabia que, após um feriado, me esperava o mestre na manhã de segunda feira...

ROGERIO PEREZ

Embajada de España
en Lisboa

Con motivo del cumpleaños de Su Majestad el Rey Don Alfonso XIII, el Embajador de España recibirá a los españoles que quieran visitarle el dia 17 del actual de 4 1|2 a 6 1|2 de la tarde en el Palacio de Palhavã.

Os oficiais espanhois
chegaram hoje a Lisboa

Os oficiais de cavalaria do exercito espanhol que vêm tomar parte no proximo concurso hipico internacional de Lisboa, chegaram hoje ao Rossio, acompanhados desde a fronteira pelo tenente sr. Mena e Silva.

Aguardavam-nos os srs. tenente Helder Martins, representando o chefe do govêrno; capitão Luis Sant'Ana, representando o sr. ministro da guerra; major D. Antonio Tapia, adido militar espanhol, representando o respectivo embaixador sr. D. Bernardo de Almeida e representantes da Sociedade Hipica Portuguesa.

Três desastres de automovel
na peregrinação a Fatima

Na estrada da Mealhada, voltaram-se uma camioneta e um automovel, que seguiam para Fatima, registando-se muitos feridos.

Chocaram tambem dois automoveis, ficando feridas numerosas pessoas, algumas delas com gravidade.

KINO
GRANDE SEMANARIO PORTUGUES DE CINEMATOGRAFIA
NO TIVOLI
A Castelã das Berlengas

UM COMEDIOGRAFO DO SECULO XVIII

O MONUMENTO
ao «Judeu»
não foi ainda concluido
por causa de 45 contos

O *Diario de Lisboa* referiu-se ha dias largamente, pela pena brilhante do nosso querido camarada Norberto de Araujo, a Antonio José da Silva, *O Judeu*, o grande comediografo do seculo XVIII que é, depois de Gil Vicente e Antonio Ferreira, a maior figura do teatro português.

O plinto da estatua
que aguarda ha anos o bronze do "Judeu"

E isso veio recordar-nos um facto que merece desenvolvido comentario:

— Ha alguns anos que o Municipio de Lisboa destinou um largo da cidade para a construção dum monumento

O pedestal que aguarda a estatua

ao celebre autor das «Guerras do Alecrim e da Mangerona», que a Inquisição decapitou e queimou em 1739, no velho Rossio. Mais tarde foi lançada a primeira pedra, e, finalmente, construido o pedestal da estatua. Esse pedestal que o publico lisboeta vê ha anos levantado em frente da Maternidade dr. Alfredo Costa, aguarda que se resolvam a encimá-lo pela figura do grande homem de teatro.

Porquê?

* * *

Para desvendar o misterio, fômos hoje ao Largo da Biblioteca, ao *atelier* de Simões de Almeida, Sobrinho.

O ilustre escultor fez-nos, rápidamente, a historia do caso:

— Ha anos, ainda no tempo da Monarquia a Junta Liberal tomou a iniciativa da construção do monumento. Fui eu, mais tarde, o encarregado de fazer a estatua do *Judeu*.

— Já está concluida?

— Desde 1914. Venha vê-la...

E mostrou-nos uma interessantissima figura, em gêsso, de 2 metros e 70 de altura.

— E agora?

— Não sei o que pensam fazer. Ha tempos o sr. dr. Augusto de Ezaguy procurou-me, dizendo que um grupo de israelitas tomaria á sua conta as despesas a fazer com a conclusão do monumento. Mas, como ele foi para o Brasil, nunca mais se tratou do assunto.

— Quanto custaria a fundição?

— Uns 25 contos.

— E o seu trabalho?

— Como já está feito ha 16 anos, levarei apenas uns 20 contos. Claro que se fôsse agora...

* * *

Estamos nisto:

— Apenas por uma bagatela de 45

O "Judeu"
bronze de Simões d'Almeida, sobrinho

contos, está, em plena capital, um monumento por acabar, e está metida para um canto a estatua dum dos maiores nomes do teatro português!

Propaganda da Marinha

Realiza-se hoje mais uma conferencia da série técnica promovida pela Comissão de Propaganda da Marinha

E' conferente o 1.º tenente sr. Azevedo e Silva, professor da Escola Naval, que falará sôbre «Bloqueio Maritimo».

Revista de tropas

No areal da Junqueira, foi esta manhã passado em revista, pelo brigadeiro governador militar de Lisboa, o regimento de infantaria 1, na sua maxima fôrça.

O *DIARIO DE LISBOA* vende-se e recebem-se anuncios na Livraria de A. S Capela, em Faro, e na sucursal de Olhão

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

O ANJO DA RUA
é o grande exito do SÃO LUÍS

TEATRO APOLO 2 sessões ás 8 1|2 e 10 1|2
revista SENHOR DA SERRA

Pelos teatros

Zarzuela no Trindade

Reliza-se hoje, pela Companhia Rafaela Haro, no Teatro da Trindade, a 10.ª récita de assinatura com as zarzuelas «Los bohemios» e «Los granujas». Amanhã, efectua-se a festa de homenagem ao Rei de Espanha, com «Los Bohemios», «Los granujas» e «El barberillo de Lavapiés». No proximo domingo, é a ultima «matinée» desta Companhia, com duas zarzuelas e um espectaculo á noite, com mais duas, uma das quais repetida. No dia 22, efectua-se a estreia da Companhia no São João, do Porto, para uma série de dez récitas com as melhores peças do seu repertorio.

Tomás Alcaide

Uma das mais notaveis afirmações de valor de artistas portugueses nos ultimos anos é, sem duvida, a que nos proporciona o tenor Tomás Alcaide, cujos exitos no estrangeiro, onde está fazendo uma brilhante carreira, se vêm sucedendo com significativa rapidez. O nosso distinto compatriota, que acaba de obter duas belas consagrações no Scala de Milão e no Real Teatro de Roma, reaparece hoje no Coliseu ao publico de Lisboa, que o ano passado teve ensejo de reconhecer os seus meritos.

Satanela-Amarante

Conforme temos noticiado, a temporada da Companhia Satanela-Amarante, no Teatro Republica, do Rio de Janeiro, tem sido um grande acontecimento teatral. Todas as revistas fluminenses publicaram grande copia de gravuras e artigos ilustrados e ácêrca da interpretação da peça de estreia toda a imprensa se refere elogiosamente. A Companhia Satanela-Amarante está representando actualmente o «vaudeville» «O az do Foot-ball».

Auzenda de Oliveira

Auzenda de Oliveira, uma das vedetas mais populares do nosso teatro musicado, valoriza com os seus numeros galantes a revista «O Senhor da Serra», em scena no Teatro Apolo. «A leiteira estilizada», que a brilhantet actriz realiza com a sua habitual desenvoltura, é um primôr de elegancia, de graça e de frescura.

Atrás do reposteiro

No numero das terras do Algarve que a Companhia Chaby Pinheiro vai percorrer logo depois da sua vinda dos Açores, contam-se, entre outras, Faro, Tavira, Lagos, Silves, Vila Real de Santo Antonio, Olhão, Portimão e Loulé.

—As quinze peças que constituem o repertorio que a Companhia de Carlos Baena representará em Lisboa têm todas scenarios proprios, tendo sido os estudos scenograficos realizados sob a direcção do notavel pintor espanhol Silvio Bermeo.

—Começou já no Rio de Janeiro a propaganda da proxima «tournée» ao Brasil da Companhia Hortense Luz, que, além das suas revistas, em numero de quatro, exibirá todo o seu repertorio de «vaudeville» popular, ainda ali desconhecido.

—Um artista emprezario e director de uma Companhia de Comedia espanhola manifestou o desejo de completar os seus espectaculos nas praias espanholas, este verão, com «Fins de festa» unicamente realisados por cantatrizes e tocadores do fado portugueses.

—Um dos numeros populares que maior exito está obtendo na revista «A Bola», no Teatro Avenida, é «Os bailarinos chalados», estilo «Pat e Patachon», por Alvaro Pereira e Alfredo Ruas.

—A musica da nova revista de Lino Ferreira, com que a Companhia Hortense Luz reaparece no Teatro da Trindade, nos primeiros dias de junho, está sendo escrita pelos maestros Wenceslau Pinto, Alves Coelho e Raul Portela

—Está já muito aumentada de novos numeros, todos eles de grande sucesso e popularidade, a revista do Teatro Apolo, «Senhor da Serra».

—A Companhia Lucilia Simões-Erico Braga, depois da sua época no Gimnasio, vai realizar a sua habitual temporada no Porto, no Teatro Sá da Bandeira, na segunda quinzena de junho, reaparecendo em Lisboa no começo do inverno, no Teatro S. Carlos.

—Estreiam-se hoje: em Ovar, a Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo; em Leiria, a Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho e em Espozende, a Companhia Stichini-Santos.

—Nascimento Fernandes realiza a sua récita no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, no proximo sabado, com a revisto «Feira da Luz» e a estreia de um novo «sketch» comico.

—Foi o bailarino Charles que ensaiou e marcou os bailados dos «Candieiros» e dos «Cow-boys» da revista «A Parodia», em scena no Variedades.

—A empreza Artur Emauz, em virtude do exito que a bailarina Julita Castejon tem alcançado no Zof, prorrogou por mais alguns dias o seu contrato.

—O «Bailado do Oiro» é uma das grandes atracções da revista «Pé de Vento», em scena no Teatro Maria Vitoria.

—Pela quarta vez representa-se esta noite, no Teatro Nacional, a formosissima comedia «O veio de oiro», novo exito da Companhia Amelia Rey Colaço-Roble Monteiro.

—O protagonista da peça de Flers e Caillavet, «O papá», que será desempenhado pelo actor Joaquim Almada no dia da sua festa artistica, foi criado entre nós pelo grande actor Eduardo Brazão.

CONDES Cinema Sonoro
A Melodia do Amor
Canções espanholas por Lupe Velez
1812
A celebre «ouverture» de Tschaikowsky

A Cidade

Decoração
em todos os generos em
Os melhores preços
Santos irm. Pintor
defronte do Governo Civil
Telefone C. 3736

OS ENCANTOS DA CAPITAL

Lisboa

tem hoje
um "bar" elegantissimo
que reune

a nossa "jeunesse dorée"

Lisboa já não é aquela cidade atrazada, sem comodidades, sem atractivos, sem divertimentos. Já lá vai o tempo em que na capital havia apenas alguns teatros, cinemas baratos, cafés de mau gôsto e tabernas...

Hoje, Lisboa é uma cidade seculo XX, com todos os encantos de qualquer outra capital. A frase que um dia alguem disse: «Lisbonne c'est une ville que n'attire pas, mais que rétient», já não tem razão de ser: Lisboa, actualmente, é uma cidade que não só retem, mas atráe.

E um dos grandes atractivos da Lisboa moderna, é, sem duvida alguma, o *York-Bar*, onde a nossa «jeunesse dorée» se reune, procurando um ambiente de conforto, de alegria, de modernismo que não encontra facilmente noutro local.

Assim é que, todas as tardes e todas as noites, o elegante *bar* da Rua Serpa Pinto está cheio de pessoas da nossa melhor sociedade que se deleitam com os «cock-tails» e as outras agradabilissimas bebidas que o *barman* lhes serve.

Mas um *bar* tem de ser uma coisa agitada, viva, variada. E, assim, a sua Empreza resolveu remodelar completamente o modernissimo estabelecimento, substituindo o pessoal, e mandando vir de Italia um famoso *barman* que é aguardado com muito interesse pelos frequentadores do *York Bar*, cada vez mais numerosos, devido aos encantos crescentes que se lhes proporcionam.

A Covilhã

e os seus mortos da guerra

Este monumento com que a cidade da Covilhã quiz honrar os seus filhos que morreram na guerra foi uma das ultimas obras do saudoso escultor Francisco dos Santos, que o colocou no seu lugar um mês antes da morte o surpreender em plena actividade artistica.

FIGURAS DE TEATRO

O ACTOR

Alves da Cunha

um dos nossos maiores artistas

não tem um palco onde representar

Tem sido nobre a carreira deste artista singular, porventura, o maior da scena portuguesa. A ele se devem não só duas dezenas de interpretações assombrosas, vibrantes, masculas, inesqueciveis, mas tambem um grande impulso ás formulas do teatro moderno em Portugal. Alves da Cunha pertence pelo talento, pelo seu fogo criador, digamos mesmo, pelo seu genio instintivo, chispante de beleza, á linhagem inesquecivel de Guitry e de Zaconni. Ninguem como ele, até hoje, em lingua portuguesa, e, assombrosamente, nos deu melhor o teatro forte, de intenção dramatica, tanto no tipo classico, como na peça, de estrutura fina e subtil, mas de larga concepção—aquela que envolve uma filosofia ou é a narração duma alma, alucinada de exaspero sobreumano.

Por tudo isto, ha muito, que a critica e o publico, nem sempre de acôrdo, admiram, sem reservas, Alves da Cunha. Mas... No teatro, como em todas as artes, chega-se ao triunfo com as mãos vasias e quasi abandonado. E' o caso de Alves da Cunha. Seria legitimo que ha muito ele possuisse um teatro proprio, onde pudesse trabalhar, sem necessidade de percorrer a provincia, em repetidas «tournées» no mesmo ano, ou parado como agora. Isto é interessante, e convém frisar, sem melindre para os detentores das casas de espectaculo de Lisboa: Alves da Cunha, grande actor português, o maior, chamam-lhe alguns, não tem um palco onde representar. Porquê? Não vale a pena detalhar razões e comentarios. Mas é triste, para o nosso brio artistico, até mesmo para a nossa dignidade, que um artista de tamanha categoria cruze os braços, desesperadamente, encontrando fechadas todas as portas. Não pode ser! Ha que arranjar uma combinação—e é tão fertil delas o nosso teatro—para que Alves da Cunha, no proprio interesse da arte nacional, e tambem porque a critica e o publico assim o exigem, satisfaça essa legitima e justissima aspiração. Dentro desse movimento a iniciar, com éco seguro nas «élites» cultas do país, cabem todos os que pedem ao teatro mais alguma coisa do que o interesse de bilheteira.

Alves da Cunha nunca foi um emprezario perdulario. O seu nome é um cartaz sugestivo de atracção.. Trabalha como poucos. Não é apenas o artista que sabe representar bem. Mas o orientador, digamos até, o renovador. Foi ele quem revelou em Portugal muitos dos dramaturgos da escola nova, em

ALVES DA CUNHA

montagens de arte, de inesquecivel beleza. O seu esforço não se perdeu, assinalando uma independencia e um desinteresse que não são vulgares nem comuns no nosso teatro.

Pois bem: este artista, de envergadura excepcional, que honra o nosso tempo, que lá fora, seria um triunfador, em Portugal, é um «desempregado» banal. Assim mesmo, embora a palavra seja dura. Que fazer? Dar-lhe um teatro, pôr á sua disposição os meios financeiros necessarios, se isso fôr possivel, para que ele possa trabalhar para a sua arte e para o seu sonho. E' um dever nacional. Dever que a imprensa portuguesa tem que impôr, apelando para os nossos emprezarios. Temos a certeza que este artigo, rapido e solto, servindo uma nobre intenção, mas claro no objectivo, será compreendido e perfilhado pela opinião publica. Que Alves da Cunha terá o seu teatro.

CRISTOFLE & Cie.
"Secção Hoteleira de Portugal"
Fornecimentos completos de artigos de meza. Talheres, bules, cafeteiras, leiteiras, assucareiros aprovados oficialmente pela comissão de hygiene, travessas, bandejas, e ARTIGOS PARA BARS em metal branco prateado (liga de niquel)
Condições e todos os descontos da fabrica de Paris ■■ Vendas por intermedio dos Unicos representantes para Portugal
Antiga Casa José Alexandre, Lda.—8 a 18, Rua Garrett (Chiado)—LISBOA

MARIA VICTORIA • DUAS SESSOES ás 8,30 e 10,30
A REVISTA DE MAIOR EXITO DOS ULTIMOS ANOS
Pé de vento

RECORDANDO O PASSADO

O curso

juridico
que concluiu a formatura
em 1913

vai reunir em Coimbra

Convocatoria ao curso que terminou a sua formatura na Faculdade de Direito de Coimbra em 1913:

Presado condiscipulo — Já lá vão cinco anos!

A «Assembleia Geral» do curso resolveu então, que aqui voltassemos de novo, e nós cumprimos o seu mandato, vindo avisar-te que estão passados os cinco anos.

Nesta cidade universitaria, teremos de voltar a abraçar-nos, e a solenisar mais esta data, depois que para aqui viemos, escolares de leis, com um banquete e mais festas...

A Sociedade de Defeza e Propaganda não deixará, certamente, de associar-se com o menú ilustrado e ás fogueiras do S. João iremos prestar o nosso valioso concurso, homenageando assim a tradição.

Ex-abundantis:

Haverá a indispensavel fotografia, no Pateo da Universidade, ladeada por dois garbosos archeiros.

Depois de um programa tão sorridente, cá esperamos a tua presença nos dias — já agora de aniversario — 4 e 5 do proximo julho, para nos sentirmos, mais uma vez, môços e estudantes.

Manda, pois, a tua adesão, para a rua da Sofia, n.º 70, 1.º-E., para o condiscipulo Tarquinio Betencourt, pois precisamos de saber com quem contamos.

Coimbra, maio de 1930. — A Comissão, Adriano Gomes, Henrique Videira e Melo, Manuel de Oliveira e Santos, Mario José dos Santos, Octaviano Sá, Tarquinio Matos Betencourt e Tito Vespasiano Betencourt.»

Pedem-se regas
para a travessa da Queimada

A travessa da Queimada é uma das mais movimentadas artérias do Bairro Alto. O transito de veículos ali é, enorme, e, como a travessa é em «macadam», durante o verão, levantam-se constantemente nuvens de poeira. Pedem-nos os moradores da referida arteria que lembremos á Camara Municipal a conveniencia de a mandar regar frequentemente.

Gremio Lafonense

A favor de Elvira de Oliveira, que se encontra presa na cadeia das Monicas, para cumprir a multa de 1.645$00, em que foi condenada á revelia, realiza-se brevemente no Gremio Lafonense, rua da Madalena, 199, uma «matinée» de arte, em que tomam parte varios artistas de diversos teatros.

Concerto José Rosenstok

E' no proximo dia 24 que se realiza o recital do jovem e distinto pianista José Rosenstok recentemente regressado do estrangeiro, onde tem trabalhado e colaborado com os maiores mestres. E' grande o interesse por este concerto, que se efectuará no Tivoli. No programa figuram entre algumas obras mais importantes da literatura musical algumas peças do grnde professor Rev Colaço, que foi o mestre de José Rosenstok até á sua partida para o estrangeiro. Os bilhetes para este concerto estão desde já á venda no Tivoli.

As manobras navais
na costa

Devem iniciar-se na proxima semana os exercicios preliminares que antecedem as manobras navais deste verão.

Assim, o contra-torpedeiro «Tamega» navio-chefe da flotilha ligeira de instrução, comandado pelo capitão de fragata sr Vieira de Matos, realizará na baía de Cascais, lançamentos de torpedos, devendo percorrer depois toda a costa em viagem de instrução.

Hoje saiu para o mar o submarino «Golfinho», que realizou fóra da barra exercicios de imersão.

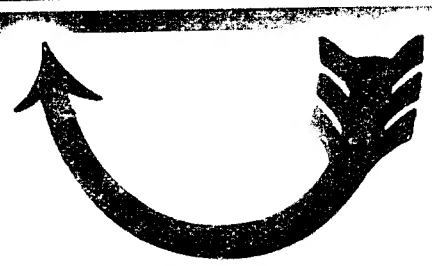
O seu comercio-SANTAREM-A sua industria

Alfaiataria MODELO
Rua Dr. Mendes Pedroso, 9
SANTAREM
O proprietario desta acreditada casa, MANUEL F. FERREIRA SALES previne os seus ex.mos clientes de que não devem comprar fatos sem visitarem este estabelecimento. Os melhores forros e os mais perfeitos acabamentos.
Perfeição e rapidez
Divisa da casa Pontualidade

Lopes da Silva
Solicitador encartado
R. Miguel Bombarda, 25
(Em frente do Tribunal)
SANTAREM

Lenhas, carvão e madeiras
Tudo com preços especiais
Luis Antonio da Silva Filho
TELEFONE 228
Rua Alexandre Herculano, 17
e Travessa da Sardinha, 4 — SANTAREM
N. B.—As lenhas, o minimo que se manda ao freguês, são 5 arrobas.

Joaquim Malfeito Monteiro
Medico-cirurgião
Consultas das 13 ás 17, na rua da Misericordia, 97.
Chamadas: largo do Cabaceiro, 9.
TELEFONE 90



Só tomando CAFÉ SANTANO se póde apreciar esta deliciosa bebida.
Se quereis o vosso estabelecimento bastante concorrido e as vossas vendas multiplicadas pedi hoje mesmo a titulo de experiencia uma pequena quantidade.
TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ ELETRO-MECANICA
Almeida & Oliveira, Ltd.--SANTAREM

ARTI — é a tinta que melhor tinge

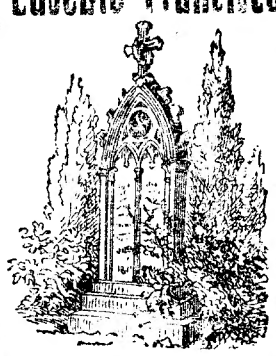
O melhor gramofone

Os discos mais bem gravados

NOVOS DISCOS PORTUGUESES
Ninguem deve deixar de ir ouvir estes discos aos agentes exclusivos do distrito de Santarem
Bazar de Santarem, Ltd.
Rua de S. Nicolau, 90 — SANTAREM

ARTI — a melhor tinta para tingir

Eusebio Francisco Junior



Jazigos, marmores e cantarias para construções
Praça Sá da Bandeira, 28 e 29
OFICINA
Avenida Antonio Batista junto ao Presidio Militar. — SANTAREM
Telefone 178

BRANCO CORREIA (Cirurgião dentista da Faculdade de Medicina de Lisboa)
Doenças da Boca, Dentes e Maxilares — Cirurgia e prótese dentaria
P. Sá da Bandeira, 2, 1.º Santarem

Perfumaria Gab
Rua Serpa Pinto, 93
Santarem
O mais completo sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras, artigos de toilette, etc.

RAUL ALBERTO GOMES DE CARVALHO
Azeites — Cereais — Comissões e Consignações
Armazem Chafariz de S. Pedro
Escritorio: TRAVESSA DO FROES, n.º 11-A SANTAREM

José Nunes
Oficina de canteiro
Portas do Sol—SANTAREM
Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte.
Venda de cantarias e marmores polidos para moveis.
Construção de jazigos

LIVRARIA ESCOLAR DE JOAQUIM DE OLIVEIRA BAPTISTA
Livros escolares e outros artigos de papelaria e desenho — Tintas e outros artigos para pintura e bordados
Romances e assinaturas de jornais de modas, tanto nacionais como estrangeiros
RUA DIREITA SANTAREM

Electro-Dynamica, de Santarem, L.da
Agentes no distrito de Santarem dos magnificos aparelhos Philips Radio.
SANTAREM

Augusto José da Silva
Concessionario para o distrito de Santarem dos automoveis
CITROEN
11, R. Alexandre Herculano, 15 Telef. 115 = Santarem

Padaria Aurora
DE
MANUEL NUNES DA TRINDADE
Pão de todas as qualidades, fabricado com farinhas das melhores fabricas do paiz—Venda de farinhas, cereais e legumes—Telefone n.º 185.
Rua de S. Nicolau, 133 e 135
Filial:
Rua João Afonso, 19 e 21—Santarem

PADARIA O

SCALABITANO
de ANTONIO NUNES TRINDADE
Fabrico especial mecanico com o maximo aceio
RUA CAPELO E IVENS, 33—Telefone 61—SANTAREM

FRANCISCO MENDES
Exportador de Vinhos, Aguardentes e Azeites — Comissões e consignações
SANTAREM = (Portugal)

STANO SCALABITANO
Rua Direita, 90—Santarem
— Telefone 12 —
Automoveis Packard, Nash—Pneus e camaras d'ar Fisk e Goodrich—Acessorios
Agencia Central da Companhia Portuguesa dos Petroleos Atlantic
Lubrificantes—Oleos combustiveis—Gazolinas—Asfaltos—Petroleos

Avenças contra
DESASTRES NO TRABALHO
para o pessoal agricola, realizam-se, nas melhores condições, na Mutualidade Geral de Seguros Largo Barão de Quintela, 11, 2.º—LISBOA—Telefone T. 558

OLIVEIRA, LT.DA
Agencia oficial da FORD MOTOR SBERICA
Rua Guilherme d'Azevedo: Telefone 225: SANTAREM — (Portugal)
Debulhadoras RUSTON. Material agricola OLIVER. Deposito Central de KELLY SPRINGFIELD TIRE COMPANY. Automoveis, camionetes, tractores. Acessorios e sobresselentes. Comissões, Consignações e Conta propria. Charruas, Grades e todo o material agricola e industrial para equipo de Tractores FORDSON. Pneus, Oleos e Gazolinas
SANTAREM

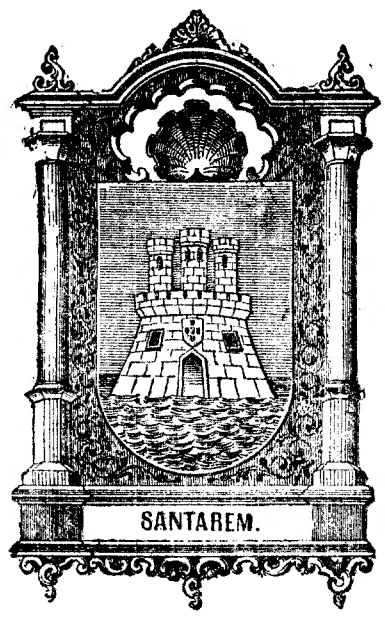
End. teleg.: TECIDOS-Santarem — Telefone 50
DIAS, CLAUDIO & C.A, L.DA
Armazem de fazendas e miudezas — Vendas por atacado
Correspondentes do Banco Espirito Santo
R. Miguel Bombarda, 9 a 23 — SANTAREM

ALEM DO MAIS, UMA BATALHA DE FLORES

AS FESTAS DE DOMINGO

na historica cidade de Santarem

prometem alcançar grande brilhantismo



Santarem, a Nobre Cidade de vestutissimos pergaminhos, excelentemente situada num dilatado planalto, cujas orlas se refletem garbosamente no nosso lindo Tejo; povoação das mais remotas de Portugal, a «Scalabis» dos Celtas e a «Praesidium Julium» dos Romanos, é hoje uma laboriosa e moderna cidade, mercê da profiada tenacidade de seus dilectos filhos que por ela sentem um grande carinho e uma grande abnegação.

Envolvendo-a, aureolando-a, numa penumbra de oiro, a sua encantadora lenda de Abidis, empresta-lhe, na sua narração, simultaneamente ingenua e eloquente, uma origem identica á da fundação de Roma. Abidis, filho do heroi da Ilidia, Ulisses, o hipotetico fundador de Lisboa, depois de muitas peripecias, abandonado numa gruta, teria tambem sido, como Romulo e Remolo, amamentado por uma loba.

Santarem, como centro de turismo de Portugal, merece uma referencia muito especial. Historicamente, temos, além da sua épica tomada por Afonso Henriques, em 1147, aos moiros; monumentos que a colocam, em primeira plana, das terras do país que é forçoso que, pelo seu valor intrinseco, sejam conhecidas tanto por nacionais como por estrangeiros. Por exemplo, S. João de Alporão, hoje Museu Arqueologico, que na sua curiosa traça de um hibridismo de estilos romanico, bisantino, arabe, e gótico primitivo se torna um exemplar raro, da qual só tem similar numa igreja, do seculo XIII, no Oise. Mais ainda, a igreja do Convento da Graça, em estilo gótico florido do seculo XIV. No interior desta igreja, admirar os soberbos azulejos com que foi revestida no seculo XVIII, e os magestosos tumulos, do Renascimento, de Pedro Alvares Cabral, o grande almirante português, descobridor do Brasil, e os dos condes de Orem, de Viana e de Penela. Nas paredes bons quadros de Ribeira e de Josefa de Obidos. Fonte das Figueiras, construção medieval de grande valor arqueologico.

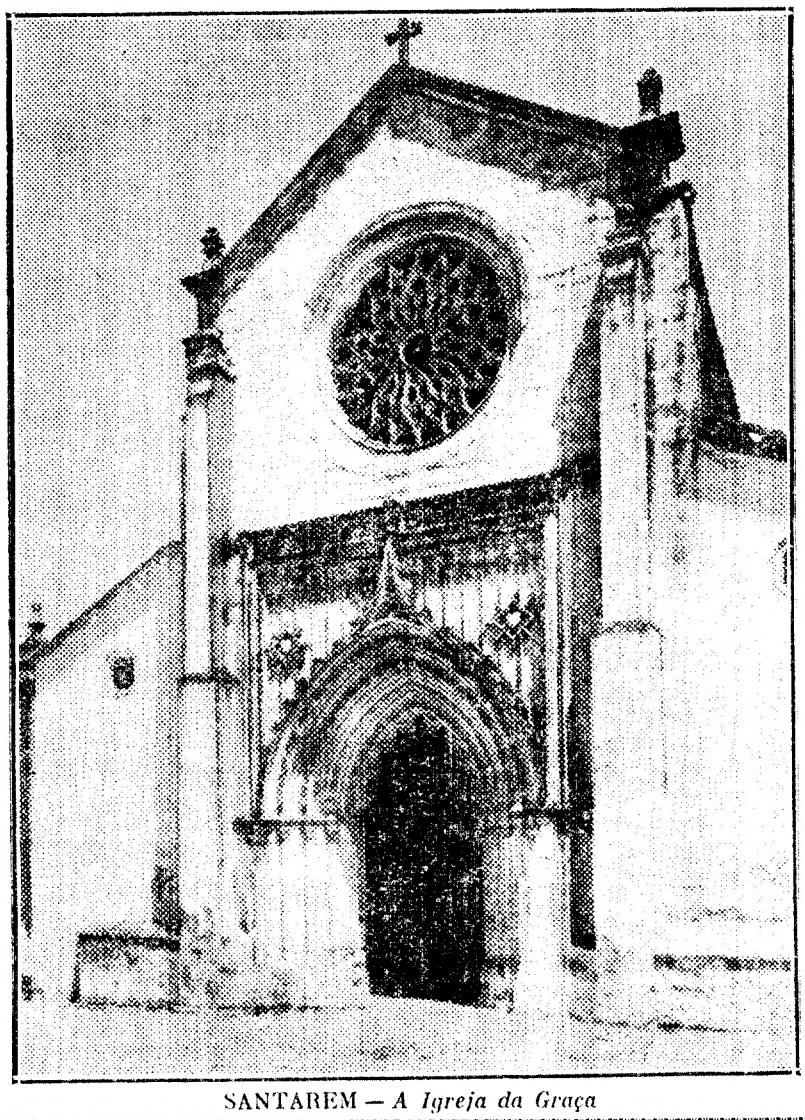
Ainda, a Alcaçova, restos do antigo castelo arabe, e a tão caraterística Torre das Cabaças, construida no tempo de D. Manuel; e a sua importantissima Bibliotheca, situada num belo edificio, legado á cidade pelo grande benemerito e eminente historiador Anselmo Braamcamp Freire.

Como ponto de vista admiravel, de onde se descortina um arrebatador panorama, sôbre os uberrimos campos do Tejo, temos as Portas do Sol, antiga fortificação Romana, previligiado sitio que deve ser visitado por todos que vão á antiga e nobre «EscaAbidis».

Santarem, pela sua previligiada situação topografica é o centro e capital da feracissima Região do Ribatejo, que é a mais rica região agricola do país. Nesta historica e importante cidade, no proximo dia 18, feriado municipal e, comemorando a entrada das tropas liberais comandadas pelo general Marquês de Sá da Bandeira, realizar-se-hão grandiosos festejos que, entre outros numeros de sensação, será efectivada uma brilhantissima Batalha de Flores a que concorrem interessantissimos carros alegoricos, artisticamente ornamentados. Este deslumbrante certame, será bom frisar, deve-se á sua patriotica Comissão de Iniciativa e Turismo, da qual é seu digno presidente o sr. major Egidio de Sousa. Por esta ocasião, tambem terão lugar grandes concêrtos musicais na Praça da Republica, e será queimado um deslumbrante fogo de artificio dum dos principais pirotecnicos do país.

Santarem é já devedor duma grande gratidão á sua Camara Municipal superiormente dirigida pelo seu ilustre presidente sr. capitão Lino Valente. A proficua acção da Comissão da Camara, muito sensivelmente se manifesta em grandes beneficios, tais como: Uma criteriosa propaganda de Santarem, desafogo das finanças camararias, remodelação do abastecimento das aguas, optima luz, embelezamento dos jardins, mercado coberto (em conclusão), macadamisação das estradas, distribuição de subsidios ás juntas de freguesia e apetrechamento de mobiliario e material didactico ás escolas.

SANTAREM — *Tipos regionais*



SANTAREM — *A Igreja da Graça*

Uma das grandes aspirações do povo escalabitano é que o caminho de ferro de Peniche termine em Santarem e não no Setil, como está projectado. Esta justa aspiração que, obedece a razões de ordem economica e financeira, parece-nos merecer toda a atenção de quem de direito, demais que, o seu custo para esta cidade, representa uma economia de três milhões e quinhentos mil escudos a menos do que indo ao Setil.

O Comércio e a Industria de Santarem caminham numa senda progressiva. Nada poderá obstar a que esta importante terra siga a sua brilhante carreira já encetada. Um pouco de boa vontade e as justissimas aspirações do seu povo serão efectivadas. Oxalá assim seja, como tem jus.

Entre as suas mais importantes casas comerciais, referenciamos a firma dos srs. Almeida & Oliveira, produtores do já celebre café Lusitano, que se recomenda pela sua pureza e optimo paladar.

Entre as pessoas que muito tem feito pela prosperidade da sua terra, merece uma citação o sr. Fernão Pires digno proprietario do magnifico Hotel Central, que se recomenda pelo seu esmerado serviço.

Ha meses, a Fabrica de Alpergatas de Repenicado & Bengala, cuja séde é em Lisboa, fabrica esta que recentemente visitamos, e que é a mais importante no genero do país tendo um pessoal para mais de duzentos operarios, abriu um deposito em Santarem, o que bastante veiu beneficiar o povo daquela região.

PENSIONATO DE N.A S.A DOS INOCENTES

Palacio Andaluz — **SANTAREM**

Muito bem situado, ótimas instalações, alimentação cuidada, explendida hygiene ▬ Educação artistica e literaria, excelente formação moral ▬ Ensino primario e secundario ▬ Inglês e francês por professoras estrangeiras ▬ Alemão e italiano ▬ Malhas, rendas e variados generos de bordado ▬ Flores, desenho, pintura e outros trabalhos artisticos ▬ Musica, habilitando para o Curso do Conservatorio, Gimnastica, etc.

Pedir prospectos á directora

Operações de provisão

Todas as pessoas que quizerem ter ou assegurar a outras, no fim dum certo prazo, e quando tiverem a idade de 35, 45 ou 55 anos, um rendimento superior ao que resultaria da simples capitalisação deverão inscrever-se na secção de

Rendimentos vitalicios

que a ***Companhia Geral de Credito Predial Portuguez*** organizou, á semelhança do que se faz na Belgica, França e Espanha, onde os subscritores teem obtido rendimentos que se elevam até 120 0|0.

Quem quizer constituir um capital no fim de 15 anos, fazendo entregas mensais ou trimestrais de pequenas quantias, ficando habilitado a receber um premio, respectivamente de 100$00, 200$00 ou 1.500$00, devera subscrever os Titulos de Capitalisação, que a mesma Companhia emite, com a designação de

Mealheiro do Povo

As inscrições podem ser feitas:

NO PORTO, Praça Almeida Garrett, 35 || EM LISBOA, Rua Augusta, 235 || EM COIMBRA, Rua Visconde da Luz 100, 1.º

A Companhia facilita aos portadores dos Titulos MEALHEIRO DO POVO o pagamento das prestações a vencer, diminuindo a importancia desse pagamento quando feito por uma só vez.

Correspondente em Santarem — **Manuel João Telhada.**

O CENTENARIO DA ARGELIA

—o—

CHEGARAM

ho e a bordo do "France"

alguns politicos

e altos funcionarios franceses

Hoje, pelas 7 horas, atracou ao Cais da Rocha do Conde d'Obidos, um grande barco francês, de 29.000 toneladas: o «France», fretado especialmente pelo govêrno do seu país para conudzir a Argel e reconduzir para França 450 pessoas convidadas para os festejos do Centenario da Conquista da Argelia.

Quem são essas 450 pessoas?

Um ministro — o sr. Geo Gerard, que ocupa a pasta do Turismo; antigos ministros: os srs. Reynaldy, Le Trocqueur e Roustan; o director do Comité do Comércio Exterior, sr. Armand Megglé; Paganan, deputado; Pila, ministro plenipotenciario, chefe do serviço das Obras Francesas no Estrangeiro; Nicolle, subdirector do Ministério do Comércio; Arnal, delegado do Ministério dos Negocios Estrangeiros; Gerald e Famel, vice-presidentes do «Comité»; L. Digomet, presidente; Robert Peugeot, presidente do «Comité» Regional de Dijon; Hules Bloch, presidente da Comissão de Crédito; Dupeney, secretario geral do «Comité» Nacional; Jungmann, tesoureiro do «Comité»; P. Gilly, director adjunto do mesmo; e, além dêstes, muitos altos funcionarios, politicos e jornalistas, muitos acompanhados por suas esposas e filhos.

O sr. Clementel, antigo presidente do Ministério, que fez a viagem de ida, ficou em Argel.

Quarenta dos nossos ilustres visitantes pertencem ao «Comité» do Comércio Exterior da França.

* * *

No Cais, compareceram muitas individualidades que apresentaram aos passageiros do «France» os seus cumprimentos de boas vindas: o sr. Diogo Joaquim de Matos, presidente da Camara de Comércio Franco-portuguesa de Lisboa; pessoal da Legação e do Consulado da França; directores da Associação Comercial de Lisboa, etc.

Organizou-se depois, em numerosos automoveis, uma excursão a Sintra e a Cascais. E, enquanto os carros não partiam, trocámos algumas palavras com dois membros da Camara de Comércio Franco-Portuguesa, de Paris: os srs. Porte e Sardet:

— Saímos de Marselha, no «France», na ultima sexta-feira. 18 horas depois estavamos em Argel, onde chegámos precisamente no momento em que o Presidente Doumergue passava revista a 82 barcos de guerra franceses.

— As festas do Centenario de Argel...

— Fôram brilhantissimas, não só no seu aspecto oficial, mas tambem como espectaculo. Houve um Congresso notavel, visitas a toda a região, magnificas festas arabes no Hipodromo. Enfim: vimos encantados.

— E agora?

— Agora? Vêr «á vol d'oiseau» as maravilhas de Lisboa e dos seus arredores, e partir para o Havre ás 19 horas. Antes disso, porém, ás 17, realizar-se-ha a bordo uma festa em honra do sr. Ministro da França em Portugal.

No Monte Estoril

No Casino Internacional do Monte Estoril, realizou-se hoje, pelas 13 horas, o almoço oferecido pela Associação Comercial aos membros do Conselho do Comercio Externo Francês.

Presidiu o sr. Alvaro de Lacerda, que dava a direita á sr.ª ministra de França e ao sr. ministro dos Negocios Estrangeiros e a esquerda a M.me Blandin e ao sr. Luís Teixeira de Sampaio, secretario geral do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Em frente, tomou lugar o sr. ministro da França, que dava a direita a M.me Fernando Branco e ao sr. Gaston Gerard, ministro do Turismo de França, e a esquerda a M.me Ferreira de Almeida e ao sr. Armand Meggle.

Assistiram ao almoço quasi todos os directores da Associação Comercial de Lisboa; os presidentes das Associações de Agricultura e Industrial e todos os membros do Conselho do Comercio Externo Português; os presidentes da Camara de Comercio Francesa de Lisboa e da Camara de Comercio Franco-Portuguesa, o chefe e o adjunto do protocolo do Ministerio dos Estrangeiros, o adido comercial francês e os srs. Carlos Gomes,

(Vêr continuação na 16.ª página)

O JULGAMENTO DO «A

As confissõe

NO TRIBUNAL D

A setima audiencia principia ao meio dia e três quartos. Continua o depoimento das testemunhas:

— Manuel Joaquim Pereira dos Santos!

Trata-se do chefe da Policia de Investigação Criminal, o primeiro agente encarregado das investigações do crime.

E' interrogado pelo sr. Delegado do Ministerio Publico.

O agente Pereira dos Santos

— O sr. Pereira dos Santos, pondo de parte vaidades descabidas, vai-nos dizer se é verdade ou não que os agentes que de começo investigaram estavam convencidos que o sr. dr. investigador Pinto Magalhães seguia uma pista verdadeira.

— Nós obedeciamos. Mas sim; estavamos convencidos que o juiz seguia por bom caminho.

— Mas depois, quando as investigações passaram para o sr. dr. Alves Ferreira, os agentes, o senhor mesmo, modificaram as suas opiniões.

— Sim, senhor. Mil pequenos factos e provas levaram-nos a isso.

A testemunha diz o que encontrou no cofre do Hotel Claridge, papel timbrado do Banco e dinheiro. Foi por uma carta de José Bandeira que o agente Pereira dos Santos conseguiu que lhe deixassem abrir o cofre, cuja chave já tinha

Um contra-luz do dr. Ramada Curto

— José Bandeira deu-lhe a carta expontaneamente?

— Sim, senhor.

O sr. dr. Delegado, na sua placidez elegante de sempre, pede á testemunha que explique ao tribunal o que eram os tais «camarões», notas falsas assim chamadas.

E o agente conta o que já é sabido: que Alves Reis, para dar ás notas, no montante de 2.000 contos, o aspecto de velhas, lhe deram um banho de glicerina e as lavaram com limão.

— Não havia maneira de as notas secarem. Destingiram-se. Ficaram côr de camarão. E daí... ficaram «os camarões».

Durante o interrogatorio, o chefe Pereira dos Santos refere-se sempre aos reus nestes termos: «o sr. Virgilio Alves Reis, o sr. José Bandeira, o sr. Adriano Silva».

E vai contando ao tribunal, com voz fraca, e com uma naturalidade propria da sua sinceridade e modestia, casos que se relacionam com as declarações que lhe foram prestadas por Adriano Silva, e revelações que este lhe fez. Relata como apreendeu o resto dos «camarões» queimados. A testemunha diz tambem que foi Ferreira Junior que aconselhou Adriano Silva a fazer desaparecer os «camarões», quando apareceu no Porto o sr. Viegas, a fazer o inquerito.

O sr. Delegado:

— Diga-me: não lhe constou alguma vez que José Bandeira ou Ferreira Junior pensassem em fugir?

— Não, senhor.

O sr. Delegado insiste:

— Sim, quando rebentou a campanha e José Bandeira estava em casa de Oscar Zenha não lhe constou que ele quizesse desaparecer, fugir?

— Não ouvi nunca isso. Dizia-se que Ferreira Junior queria fugir, mas eu não tive prova disso.

A testemunha refere-se aos processos de que a policia ás vezes se serve para arrancar a confissão aos criminosos.

— Precipitando a verdade — ajuda o sr. Delegado. Os meios enganatorios da Policia. Mas diga-me: usou desses processos alguma vez para captar declarações dos reus?

— Não, senhor. Não foi preciso. Nem eram homens para isso...

A testemunha passa ás mãos do sr. dr. Barbosa de Magalhães.

O advogado do Banco de Portugal interroga a testemunha ainda sôbre «camarões», preguntando-lhe se ele sabe, e não estranha, que aparecessem ainda «camarões» ha pouco tempo na Penitenciaria.

— Não sei. Mas se ao cabo de quatro anos ainda aparecem notas, cá a mim não me admira nada. E' que eu tenho cá para mim uma opinião que não quero dizer, para não se rirem de mim...

O sr. dr. Barbosa de Magalhães insiste, e o agente testemunha diz então, sem que ninguem tenha necessidade de se rir, que julga que Alves Reis guardou «camarões» para mais tarde defender os co-reus (chama-lhe «constituintes») afirmando que tanto eles não quizeram notas chamadas «camarões» que elas «aqui estão».

— E ainda deve haver para ai 7.000 contos de notas. São um bom carrêgo — opina.

O sr. dr. Antonio Osorio, tambem advogado do Banco, faz o elogio da acção da testemunha, como policia investigador. E diz:

— O senhor é um modesto funcionario, que lidou com dinheiros, que teve na sua mão um cheque de 6.000 libras, que entregou, como era seu dever. E' um homem honrado, e por isso mesmo é combatido por algumas pessoas.

SETIMA A

TINTEIROS

A audiencia de hoje foi o Senhor que dirigiu as investigações, em 1925.

Como o leitor verá nas notas que dos Santos foi hoje ouvido, instado, como se fôsse um frenologo, um sábi psicologia. Ele mesmo dissertou, aliás si

A acusação particular, muito habil nos numa das suas partes contraditad que a defesa ia-lhe «atirar».

A defesa é tão correcta, tão distin aprumo respeitavel do sr. Delegado — elegante, picado de ironia, do sr. dr. A dactica maneira de interrogar do pro galhães — é porque não é preciso.

«Cada pote á sua posição» — dirid frens».

E porque é a defesa correcta — n chefe Pereira dos Santos.

O Senhor Policia deixou alguns pu Ha um momento, um caso capitular, en delirou: foi quando por dever de oficio irmãos Bandeira.

A um Senhor Policia nada fica mu as pessoas a quem faz revelações. «Cu dogmatizou o simpatico sr. Pereira dos São trucs da profissão.

Se a um jornalista é permitido mé mãos, altivamente sem ter que perder como sôbre a base das manhas se possu

Mas enfim: o Senhor Policia, que — esteve hoje na ordem da tarde, e a sabia ha um ano.

Tem-me esquecido de dizer que no teiros de prata, seculo XVIII. São das mente verdadeiras, que ali se encontra

— Cumpri o meu dever. Qualquer policia faria o mesmo.

O sr. dr. Osorio pede á testemunha que diga, nota por nota, qual o montante das notas apreendidas, isto para ir ao encontro de pessoas que ainda hoje poderiam supôr que fôra desencaminhadas notas.

As notas que faltam

O chefe Perceira dos Santos lê o seguinte apontamento:

Notas encontradas no Palacio do Menino do Ouro: 37.012, entregues pelo sr. dr. Gonçalves Teixeira, 87.000, apreendidas no Banco Angola e Metropole 2.331, na filial do Porto 6.271, trocadas ao publico no Banco de Portugal 195.846, reclamados ao Banco e não pagas ainda 9.384, queimadas por Adriano Silva (camarões) 4.000. Ha ainda uma duzia delas, pouco mais encontradas em gavetas. A emissão foi de 550.000 notas. Quere dizer que faltam pelo menos 3.750 contos, que não se sabe onde estão.

Dois irmãos conversam...

Nesta altura o sr. dr. Osorio interroga o agente Pereira dos Santos, sobre se ele ouviu a conversa entre Antonio Bandeira e José Bandeira, (estando este já preso) quando se tratou de o nosso ministro na Haia ir buscar os contratos.

A testemunha relata que por ordem do sr. dr. Pinto de Magalhães acompanhou de facto Antonio Bandeira (que ainda não estava preso) á esquadra de Alcantara, para este falar com o irmão José, que já tinha revelado a existencia dos contratos. Os irmãos falaram um com o outro, e ele, agente, estando perto, embora eles falassem em particular e em voz baixa, ouviu José

NGOLA E METROPOLE»

s dum policia

E SANTA CLARA

UDIENCIA

DE PRATA

Policia. O chefe Pereira dos Santos,

odeiam esta impressão, o sr Pereira consultado, atendido e respeitado dos laboratorios experimentais de nquiticamente, sôbre moral. Filosofou. e muito nervosa ab-imo — *pelo me- s — soube prevenir o habil policia de*

a, como a acusação, è se não usa o bela figura do tribunal —, o sorriso tonio Osorio, a discreta, a quasi di- estor ilustre sr. dr. Barbosa de Ma-

o bom Sancho Panza nos seus «re-

a «atirou» ao bom e ao honrado

nfos confusos nos seus depoimentos. que se adivinha sem esfôrço que ele se pôz a ouvir uma conversa entre os

nem estar á escuta, nem enganar la um usa as manhas que pode» — Santos.

r trucs», falar com o coração nas ou que ganhar, eu direi que estranho esclarecer a Verdade...
em a sua consciencia muito afinada gente ficou sabendo tudo — quanto

tribunal ha meia duzia de bons tin- coisas, indiscutivelmente, autentica- m.

N. DE A.

Bandeira dizer a Antonio que «fôsse á gaveta da secretaria que está no meu quarto».

—O senhor estava muito afastado?— pregunta o advogado de acusação.

—A um metro de distancia.

A acusação parece ligar grande importancia a este testemunho.

A testemunha conta, em frase pitoresca, os artificios honestos de que usa a policia, e referindo-se a José Bandeira, diz:

—Para ele me dar o bilhete que eu levei ao Hotel Claridge, eu disse-lhe muita coisa a ele, e ele muita coisa a mim. Cada qual serve-se das manhas que pode...

O depoimento do agente Pereira dos Santos, quando instado pelo dr. Osorio, foi revestido de muita sinceridade, e simplicidade mesmo, com o seu ar pitoresco, que não deixou de ser respeitoso.

O sr. dr. Armelim Junior, advogado de Adriano Silva, pregunta á testemunha se o seu constituinte sempre lhe falou verdade, se alguma das suas declarações foram desmentidas.

—Nunca. O sr. Adriano Silva disse sempre tudo certo.

O sr. dr. Armelim Junior assinala que ao contrario do que disse o sr. dr. Antonio Osorio, ele não se vai «atirar» a Pereira dos Santos, e até dele faz o elogio, como homem honrado.

O "truc" de um policia?

O sr. dr. Ramada Curto insta. E chega a esta conclusão: «Foi o José Bandeira que deu um bilhete para o chefe do contencioso do Hotel Claridge abrir o cofre, que ali estava. Foi isto ou não?

—Sim, responde a testemunha.

O sr. dr. Ramada Curto conta que um dia o chefe Pereira dos Santos lhe disse, pessoalmente, a ele, advogado, que José Bandeira estava inocente, e que não se importava de ser sua testemunha de defeza.

— Foi ou não foi verdade?

— Foi verdade, sim, senhor. Mas disse isso não ao amigo, mas ao advogado.

—Foi então hipocrisia?

—Foi um «truc» de policia...

O sr. dr. Ramada Curto não se indigna, porém, por ter «ingenuamente caído em acreditar no policia», visto que ha um depoimento, escrito, do proprio chefe Pereira dos Santos, em que este diz—sem ser para enganar ninguem—que acreditou na inocencia de José Bandeira, e que só mais tarde, quando soube que Bandeira gastava mais do que ganhava, começou a tê-lo por criminoso.

O sr. dr. Ramada Curto interroga a testemunha sobre a tal frase que ela diz ter ouvido: «vai Antonio á gaveta da minha secretaria».

—Simplesmente a testemunha tomou a nuvem por Juno. O que estava na gaveta era a chave, pois os contratos, como depois se provou, e é indiscutivel ,estavam em casa da actriz Fie Carelson.

A testemunha cala-se.

—E contou-lhe essa... conversa?

—Não me lembro.

—Ah! Não se lembra! E contou mais tarde ao juiz conselheiro Alves Ferreira essa mesma conversa?

—Não contei.

—Então como se compreende que uma conversa «tão importante» o senhor, que contava tudo, não tivesse revelado logo aos dois juizes?

O agente Pereira dos Santos, sem se embaraçar, dá uma explicação.

O sr. dr. Antonio Bourbon:

—Como se compreende que um acontecimento dado como passado em 1925 só em 1927 apareça no processo?

O advogado de Alves Reis, sr. dr. Nobrega Quintal pouco insta a testemunha. Consegue do chefe Pereira dos Santos esta declaração:

— Talvez a explicação que Alves Reis dá do montante das notas que diz ter posto em curso — 89.000 contos — seja verdadeira (ele quere dizer verosimil).

E a seguir Pereira dos Santos (que sabe tudo mais ou menos, e que é uma testemunha a quem os advogados de acusação e defeza gostam de consultar sobre psicologia e moral, como se fôra um professor) diz, instado:

— Alves Reis não era jogador. Era um bom chefe de familia, bom marido, bom pai.

A testemunha continua a ser ouvida agora pelo advogado de Adriano Silva, sr. dr. Caetano Pereira.

E este tem uma observação oportuna, talvez judiciosa:

O chefe Pereira dos Santos depondo

O sr. dr. Antonio Séves advogado oficoso de Hennies, insta a testemunha.

—O sr. agente não estranha que sendo dado Hennies como metido em negocio de notas falsas, na Alemanha continua a ser dado tambem como amigo do govêrno alemão? Como isso é possivel?

—Não sei. Tenho muita pena. Ao Brasil é que ele não pode ir.

O advogado de Hennies replica, com um documento, que Hennies pode ir ao Brasil, até com um passaporte vulgar quando quizer.

Curta instancia, oficiosa quasi.

Como se compreende?

Agora o sr. dr. Antonio Bourbon insta a testemunha sobre a conversa surpreendida, ou espionada, entre Antonio Bandeira e José Bandeira.

O sr. Pereira dos Santos repete que ouviu de facto dizer José Bandeira a Antonio Bandeira, na esquadra de Alcantara, que os contratos estavam na gaveta da secretaria do seu quarto (o quarto era na Legação).

—O senhor contava tudo ao dr. Pinto de Magalhães, juiz?

—Contava tudo.

—Qual a razão por que o juiz sr. dr. Pinto de Magalhães se enganou no começo das investigações e chegou a julgar os directores do Banco incriminados? Foi porque foi iludido, sugestionado por Alves Reis?

—Sem duvida—confirma o chefe da policia.

—Foi sugestionado por Alves Reis! Então porque não se estranha que um juiz, um juiz de Investigação Criminal, um magistrado, se deixasse enganar por um Alves Reis, e se estranha, constantemente, que os processos enganatorios de Reis tivessem convencido os co-reus?

A testemunha tem um gesto de concordancia:

—Magistrados, agentes de policia experimentados, foram iludidos. Os arguidos é que não podem ter sido...

Ha um silencio na sala, não sabemos se com significação.

Os srs. drs. Ricardo Mota e Campos Coelho instam sabiamente, com justeza mesmo, a testemunha. O sr. dr. Campos Coelho diz a certa altura:

—O sr. Pereira dos Santos em 1927 afirmava que em sua consciencia havia 21 criminosos. Veja como se enganou. Só ha 8—disseram os Tribunais Superiores—Quem sabe se daqui a poucos dias nem todos esses haverá...

A sessão foi interrompida.

A ARTE E OS ARTISTAS

A EXPOSIÇAO

que abriu nas Belas Artes

com o rotulo

de I Salão dos Independentes

Primeira verdade:

Este Salão dos Independentes, que aparece em ar de guerra, anunciando audacias nunca vistas, niquelando ideias falsamente novas, com um ou outro pensamento de concepção primaria, intercalado no catalogo,—podia muito bem integrar-se no «certamen» anual e oficial da Sociedade de Belas Artes. Os expositores são os mesmos, o que equivale a dizer que as tecnicas não variam. Haverá, talvez, maior latitude do velho modernismo, que se folheia nas revistas de arte, francesas, e, afinal de contas, baratinhas, porque, com seis escudos, já o artista ladino, espertóte e saloio, pode passear, no mercado, dando-se ares de incompreendido genial.

Segunda verdade:

E esta, sem plano, frouxamente traçada ao corrêr livre e «independente» da pena. Um paralelo servirá melhor para exemplo. O que representou para a renovação da pintura contemporanea a scisão já historica dos grandes artistas franceses, contra o seu «Salon» oficial? Uma atitude? Não! Um açucareiro para caírem as moscas do réclamo? Tambem não! Foi uma reacção contra o classicismo academico, frio e formal, em que, entre outros, Bonnat e Ingres pontificavam, um celebre e queimado, pelo retrato de expressão fotografica outro, correcto até ao desespero do desenho, mas excessivamente alegorico e mitologico. Desse movimento de reacção, defendido com unhas e dentes por Camilo Mauclair, critico renegado da arte moderna, ficaram, para citar alguns : Manet, Monet, Cezanne, Degas e Carriére. Cada um deles era uma expressão viva e original, sem servilismos de copia, duma nova formula de arte. Individualidades, retinas, sensibilidades, espiritos—almas sinceras que lutavam para além do seu tempo, e desinteressadamente.

Terceira e ultima verdade:

Onde está, na maior parte dos expositores, a sua independencia artistica? Na maneira... Mas, por amor de Deus! Muitos embarcaram no modernismo, não como Picasso, partindo duma tecnica escolar forte e substancial para o mais avançado, mas por deconhecerem os elementos essenciais do desenho. Outros, carecidos de talento criador e excomungando o Malhôa ou o Carlos Reis, da casa e ultra conhecidos, preferem ser pequenos Foujitas, Modiglianis, Lhotes, e variados pintores de nú ventrudo, saídos dos «bas-fonds», de Montparnasse. Entre os dois grupos, quasi esmigalhados pelo numero das obras expostas, no horisonte quilometrico e pintalgado a côres artificiais, lá aparece um ou outro a quem, de facto, se deve tirar o chapeu. Uma... duas... três... quatro vezes... e basta, que o restante é mausinho e cadaverico.

Acabadas as verdades, que não são de Nosso Senhor, vamos á absolvição. Na escultura ha que vêr: Leopoldo de Almeida, um pouco deslocado no ambiente, que se está fazendo á volta da exposição. Antonio da Costa, sim, um hercules, um gigante da estatuaria. O seu «relêvo» «Nascimento de Venus», acusa um estilo concentrado, duro, mais do que expressivo, expressionista, nascido com Bourdelle e, mais tarde, germanisado. Francisco Franco é um lapidador da pedra, mergulhado em misticismo e quinhentismo. E' um Nuno Gonçalves do cinzel. Antonio Duarte tem força e pulso. O seu «Teixeira de Pascoais» é uma bela caveira dramatica, de sombra e luz, com o lirismo desse poeta excepcional. Diogo de Macedo sabe manejar como ninguem as formas e os volumes. Possui uma poderosa e radiante sensibilidade, que ele distingue, em voluptuosidade, em ele-

(Vêr continuação na 16.ª página)

O seu comercio-SANTAREM-A sua industria

Manuel de Matos Faustino
Encarrega-se de todos os trabalhos que digam respeito a arte de sapataria
Rua João Afonso (esq. do Arco de Manços)
33 a 33-B — SANTAREM

Sapataria Argos
Rua Serpa Pinto, 175
em frente do Largo Padre Francisco Nunes da Silva (Caiquito)
Ultimos modelos para homem, senhora e criança—Vende sola e cabedal

Telefone 33
Florentino Dias Vigario
Praça 14 da Bandeira, 7, 8, 9 e 10
SANTAREM
Comissões e conta propria, cereais, vinhos e azeites
Depositario distrital da Fabrica de Cerveja JANSEN

ANTONIO GOMES BEJA
Rua João Afonso, 52-54
Mercearias, cereais e legumes. Deposito de tabacos, fosforos e papeis de fumar para revenda
Telef. n.º 152—SANTAREM

O novo Mercado de Santarem é coberto com chapas de FIBRO-CIMENTO ETERNIT

Agentes Geraes: Corporação Mercantil Portuguesa, Limitada—Rua Augusta, 220, 2.º
Em SANTAREM: José Miguel Fernandes

Jacinto Cardoso da Silva
SANTAREM
EL F. 42
Papelaria-Tipografia
Livraria
Encadernação

Antonio Romão
Mercearias,
Cereais,
Legumes
Travessa do Frois, 9
Santarem

Manuel Antonio Domingues
Mercearias
Cereais
Legumes
14 e 16 R. Figueiredo Leal, 18 e 20
Telef. 3 SANTAREM

ANTIGA FRASQUEIRA
Estabelecimento de vinhos, comidas, tabacos, cervejas, gazosas, licores e outros artigos
João Faria Gaspar
(Vulgo João da Frasqueira)
7—Largo das Amoreiras—9—SANTAREM

União Patronal
Sociedade Mutua de Seguros
Séde—Travessa do Alecrim, 3, 1.º—LISBOA
Telefone T. 3749
—Seguros contra Desastres no Trabalho - Serviços medicos montados em todo o Pais
PEÇAM ESCLARECIMENTOS
Em Evora: Augusto Godinho Correia
R. Cinco de Outubro, 66
Em Estremoz: João Mauricio de Carvalho
R. Cinco de Outubro, 75
Em Reguengos: Domingos Loreto Moniz

Pisos de borracha, Calçado e Alpargatas
Repenicado & Bengala, Ld.ª—Séde, Rua dos Luziadas, n.º 5—LISBOA
Telegramas: Alparborracha **Telefone: Belem 280**
Depositos em: Braga, Caldas da Rainha, Castelo Branco, Castelo de Vide, Coimbra, Covilhã, Estremoz, Guarda, Ponta Delgada, Portimão e Santarem.
Esmerado fabrico de calçado de lôna com vistas de cabedal, e outro, a preços ao alcance das classes menos abastadas. No seu proprio interesse não faça as suas compras sem consultarem os nossos preços.
Compramos qualquer quantidade camaras d'ar uzadas, bandage de camion e outras sucatas de borracha, a preços elevados.

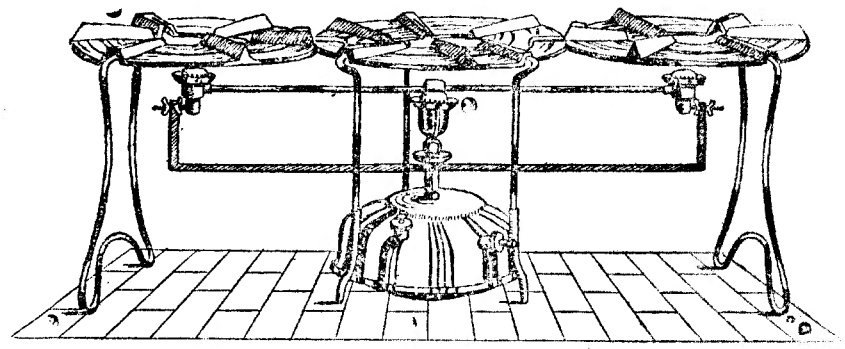
PULVERISADORES
«HIPOLITO»
São os unicos munidos de torneira de botão, e que garantem uma economia de 30 0|0 no gasto da calda.
Peçam preços e catalogo.
Antonio Hipolito Torres Vedras

O melhor de todos **Café Cidalia** DEPOSITARIO
Joaquim Manuel Ribeiro
Rua de Serpa Pinto, 151 SANTAREM

ELECTRIFICADORA DE SANTAREM
José Maria da Silva Junior
Material electrico—Artigos de ménage
Chuveiros, Torneiras, Loiça sanitaria
R. Direita, 170-172 — SANTAREM — PORTUGAL
Telefone 51
Telegramas-ELECTRIFICADORA

ARMAZEM DE MERCEARIA
Tomaz Pereira da Fonseca & C.ª (Irmão)
Deposito de bacalhau, sabão, massas, arroz, petroleo e semeas. Cha e Café. Especiarias, etc.
2, Rua Serpa Pinto, 4—SANTAREM

MINHA SENHORA
V. Ex. tem um fogareiro da Vacuum? Aplique uma fozinha "Super-Elvéra", patente n.º 15.874



Uma maravilha! Com 3 focos directos, gastando como um fogareiro
9 modelos em exposição no Agente em Lisboa
CASA F. J. BARROS QUEIRÓS — Largo de S. Domingos
Depositarios para Portugal — ELVÉRA - SANTAREM

ARTI — a melhor tinta para tingir

Sindicato Agricola de Santarem

Materiais e utensilios para o tratamento de vinhas

Está aberta, para os nossos associados, a inscripção para requisições de: Sulfato de Cobre, inglês e nacional, Enxotre, Pó Calfaro, Enxofre Quimico, Soda Solvay, Pulverisadores, Torpilhas e Enxofradores.

Tambem se recebem requisições para arame de enfardar n.º 14

ARTI a tinta que melhor tinge

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada — Banco Emissor das Colonias
Séde: R. do Comercio—LISBOA
Capital Realizado: Esc. 50.000.000$00 **Reservas: Esc.: 67.000.000$00**

Filiais e agencias no Continente—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Covilhã, Coimbra, Evora, Elvas, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Fundão, Guimarães, Guarda, Lamego, Leiria, Mirandela, Ovar, Portalegre, Portimão, Penafiel, Porto, Regua, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Santo Antonio, Vila Real de Traz-os-Montes e Viseu.
Madeira—Funchal, ***Acores,*** Angra do Heroismo e Ponta Delgada—***Cabo Verde***—S. Vicente e S. Tiago.—***S. Tomé***—Principe.—***Guiné***—Bissau e Bolama.
Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga—BANCO DE ANGOLA—com Filial em Loanda e Agencias em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango) e Kinshassa (Congo Belga).
Africa Oriental—Lourenço Marques, Téte, Moçambique, Inhambane, Chinde, Quelimane e Ibo.
India—Bombaim, Mormugão e Nova Gôa—***China***-Macau.—***Timor***-Dilly.—***Brasil***-Rio de Janeiro, Pernambuco, S. Paulo, Pará e Manaus.—***Inglaterra***-Londres.—***França***-Paris.—***Estados Unidos da America***-Agencia em New-York.
Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas Adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paises estrangeiros. **Cofres fortes para alugar**

EDITAL

Lino Dias Valente, Capitão d'Artilharia e Presidente da Comissão Aministrativa da Camara Municipal de Santarem.

Faço saber que, terminando em 30 do corrente o praso estabelecido pelo decreto n.º 17:509 para a entrega das segundas fracções dos emprestimos para a Campanha do Trigo, os pedidos entrados na Caixa Geral de Credito e Previdencia depois do dia 6 de Maio proximo não serão deferidos.

Outrosim faço saber que as apolices de seguro das searas de Trigo em penhor devem ser remetidas á Caixa até ao dia 15 de Maio proximo.

Santarem, 28 de Abril de 1930.

O Presidente da Comissão Administrativa
(a) *Lino Dias Valente*

ESTUDOS HISTORICOS

Como nasceu a dança

a mais remota das Artes

na côrte dum rei asiatico

— O que é á dança?

— Segundo uma interessante prosa de ha cem anos, a dança, a mais remota das artes, é o gesto humano em toda a sua plenitude. Quando saiba exprimir os sentimentos internos da alma, com toda a magia das formas exteriores do corpo, com toda a graça e leveza das atitudes, com toda a impetuosidade dos movimentos, transforma-se numa linguagem universal, compreensivel até dos mortais que se encontram no ultimo degrau da escala humana.

Conta-se que estando um poderoso rei asiatico, assistindo, com o omnipotente Nero, á representação de uma pantomina, em que se mostravam os dôze trabalhos de Hercules, tanto o surpreenderam as atitudes do bailarino interpretante do dificil papel do heroi, que tão bem lhe fizera compreender todo o complicado entrecho da peça, que, deliberando pedi-lo ao imperador, lhe dissera, depois de empenhadamente o haver feito: Não vos admireis, Majestade, dêste meu rogo, mas tenho umas tribus minhas vassalas muito selvagens, cuja lingua ninguem compreende, e nunca consegui que aprendessem a minha, e, com os gestos dêsse vosso extraordinario bailarino, conseguirei faze-los perceber e acatar todas as minhas deliberações.

Na antiga Grecia, berço da poesia, patria das artes e terra classica da beleza, todos os seus sabios e poetas cantaram sua sublimidade.

Homero, o mais antigo e o mais admiravel dos poetas gregos, referindo-se aos prazeres da vida, confessou que os mais deleitosos, eram o sono, o amor e a dança, preferindo êste ultimo, pels seus mrits ingualavis nencantos; e Platão, o austéro filosofo ateniense, não hesitou em colocar a subtil dança, á testa de todas as sciencias, porque, dizia ele, dever-se-hia regular o corpo, antes que se cuidasse de formar o espirito, considerando-a tambem, como uma disciplina que conduzia o homem á virtude, pela razão de ela dissipar a tristeza que, acrescentava, era a paixão mais perigosa do sêr humano.

Dançaram, os egipcios, junto do Boi Apis, David, em frente da Arca da Aliança; Salomé, perante o tetrarca Antipas, e dança Florencio, na presença do publico português.

Mas, quem é Florencio? Florencio, é um habilissimo bailarino, que teve o mau sestro de trocar este seu portuguesissimo nome, pelo desnacionalisante de Francis, e que, há poucos anos, se exibiu num original teatrinho, que, a falta de bom gôsto do nosso meio mundano, fez sossobrar, e onde foi ruidosamente apupado, por uma horda de insolentes snobs que, nem ao menos souberam raciocinar e apreender, na correcta exibição desses iniciantes bailados de acentuada faceta etrusca, que estavam assistindo ao surgimento de um notavel genio coreografico, que, na sua terra, vinha, como o grande inovador Sergio Diaghilew, na Russia, inaugurar uma notavel éra de renascimento da dança nacional, como agora nos provam os seus magistrais trabalhos, não só como impecavel dançarino, mas tambem como animador das massas coreograficas.

As suas soberbas creações, exibidas com retumbante exito, nos tablados de Lisboa, são de molde, quer pela execução, quer pela originalidade, a firmar os seus creditos de grande artista, em qualquer centro mundial culto, ainda o mais exigente.

Não se julgue, porém, ser quem quer, que consegue atingir as sublimes eminencias da arte coreografica. Para se alcançar nela o triunfo, não só é mister haver cultura fisica e cerebral, como tambem, possuir scentelha de arte e genio criador, que são dons da Natureza, que só Deus tem o direito de conceder.

Lucien, o celebre literato sirio, que legou á posteridade, a mais assinalada obra sôbre a dança, indicou que, o bailarino deve conhecer o ritmo e a musica, para cadenciar os movimentos; a gesmetria, para delinear os passos; a filosofia e a retorica, para descrever os costumes e emocionar as paixões; a pintura e a escultura, para agrupar e desenhar as personagens. Quanto á historia e á mitologia, ter sempre em mente, o que se passou desde o caos e o nascimento da terra, até Cleopatra, rainha do Egipto. Não admira, pois, com tais exigencias, que Diderot, tivesse afirmado, serem os grandes bailarinos, raros, em todos os tempos.

E' bem lamentavel que, andando nós, portugueses, interessados em tornar conhecidas as coisas caracteristicas da nossa terra, não surja a iniciativa altamente louvavel, de fazer Florencio seguir por esse mundo em fóra, com o seu gentil rancho de lindas raparigas portuguesas, a mostrar ás gentes estrangeiras, quanto é donairosa e gracil, a dança do noso querido Portugal.

Porque não, fazer-se entre nós, o que vimos fazer ás famosissimas troupes russas do «Chauve-Souris», do Coq d'Or e de Ana Pawlowa, as quais, para não sómente apresentarem as tipicas danças regionais da sua patria longiqua, foram rebuscar seus velhos arquivos, fazendo resuscitar, com raro esplendor, as aparatosas danças de remotas epocas, como a Sadko, a Scherezade, a Principe Igor, e tantas outras, em que brilharam como astros de primeira grandeza, Fokine, Nijinski, Massine, Bolm, Karsavine e Gavriloff.

Usando do mesmo logico processo, o nosso folklore coreografico de antanho, que ascende aos mais remotos seculos, e recebeu influencias dos fenicios, dos romanos, dos mouros, dos provençaes e dos judeus, povo que, entre outros, habilitaram a Luzitania, iria desenvolver e valorisar, sob multiplos aspectos, a inconfundivel dança portuguesa.

Para se iniciar, desde já, o que se acaba de alvitrar, e, ao mesmo tempo, subsidiar os coreografos, os indumentaristas e os musicografos, que são os verdadeiros vivificadores desta graciosa arte, vai-se divagar um pouco, sôbre usanças dos nossos antepassados, que tanto exteriorisaram suas alegrias, com esse deleitoso folguedo.

«L,Histoire de la Danse», de Hippolyte Etiennez, notavel intelectual do primeiro quartel do seculo XIX, no curioso capitulo sôbre bailes ambulatorios, dá-nos este apreciavel subsidio: «Estas danças, que foram origem de festas assaz bizarras, consistiam em cortejos dançados que, tanto se faziam no mar como na terra, constituindo uma imitação das pompas tyrrhenias, descritas por Appin Alexandrin.

Uma das mais famosas, acrescenta ele, foi aquela que se celebrou na cidade de Lisboa, para solemnisar a canonisação do Cardial Carlos Borromeu, santificado pelo Papa Paulo V, no ano de 1610, e assim descrita, nessa época, por Castil-Blaze: «Uma nau, ricamente empavezada, navegando com velame de diversas côres, servida por cordeame de seda, e ostentando pavilhões magnificos, trazia a imagem do Santo, sob um docel de esplendido brocado de ouro. Logo que chegou ao estuario do Tejo, todas as embarcações do porto, em soberbo aparato, avançaram ao seu encontro, e renderam-lhe honras militares, comboiando-a com grande luzimento ao estrondear de toda a artelheria dos fortes. As reliquias sagradas dos padroeiros de Portugal, levadas pelos grandes do Estado, e seguidas de todos os corpos religiosos, civis e militares, receberam o novo Santo ao seu desembarque. A marcha começa: Quatro carros de uma grandeza extraordinaria, estão distribuidos sôbre a linha imensa do cortejo. O primeiro, representava o palacio da Fama; o segundo, a cidade de Milão; o terceiro, Portugal, e o ultimo a Igreja. Em volta destas montras maquinas rolantes, grupos de mimicos e bailarinos, executavam, ao som de maviosos instrumentos, as acções mais notaveis do Santo, e aqueles que iam em cima do carro triunfal da Fama, indicavam pelas suas atitudes, querer tomar o vôo, para irem propalar as virtudes do festejado, por toda o orbe».

Num tombo de um antigo convento de Coimbra, existia arrecadado desde o ano de 1517, um titulo em caracteres goticos, com a ordenança do procissão do Corpo de Deus, na Côrte de Lisboa, instituida pelo Papa João XXII, em 1316, e na qual se viu, até os fins do seculo XVII, baralhado o sagrado com o profano, pois se misturavam a clerezia e confrarias da Patriarcado da capital, com grupos de varios misteres da cidade e termos, que nela iam vistosamente mascarados, bailando, cantando e chocarrando. A certa altura, dizia o aludido documento: — «Primeramente, vãm os forneiros, e carvoeiros, e telheiros, e caieiros, e lagareiros da cidade e termo, que sãm obrigados a fazer a judanga com sua toura, e que faça prestes seis omees que andem na dita dança judanga com boas capas e vestidos segundo se requer para o tal auto e tragão seus tangedores de orgãos, violas e arrabis. Segue a esta, a dos oleiros que sãm obrigados de fazer hua boa dança de espadas que nõ desça de dez omees despostos e que bem o saibam fazer. E hu Rey com sua corôa e hu pagem bem vestido e loução e hus tocadores de tamboril e gaita e adufes, e hua rica bandeira, e vãm a seguir á folia de fóra e á folia da cidade.»

Esta dança de rito guerreiro romano, que o Espanha ainda conserva, e que tão usada foi nos tempos bélicos de D. João I, tanto se firmou na terra portuguesa, que ainda vimos, apesar de muito deturpada, nas dançar carnavalescas da luta, da laboriosa gente da Bica, que se deixou acabar, e devia ter sido conservada como uma reliquia do mais remoto Passado.

Arquivado no codice 1870, da Biblioteca do Vaticano, existe tambem uma cronica firmada pelo italiano João Victorino, descrevendo com rara flagrancia, a viagem que o famoso Cardial Alexandrino, sobrinho e legado do Papa Pio V, fez, no ano de 1571, a Portugal da qual se extrai este sugestivo documentario: — «Logo que entrámos em terras portuguesas, velo D. Manuel, Senhor de Monssarraz, com cinquenta cavaleiros bem montados, e ricamente vestidos, e logo após ele, o tio do Duque de Bragança, de sangue real, e o Conde de Tentugal, seguidos de vinte pagens vestidos das suas côres, preto e amarelo, e trezentos cavaleiros montados em fogosos corceis, e cavalgando á gineta dextramente. Traziam botins vermelhos de carneira, uns lisos, outros lavrados, ou prateados e doirados, e guiavam á dextra, dez ginetes selados, e emplumados, e cobertos de brocados e veludos extremamente bellos. Veio depois o veneravel Bispo de Elvas, acompanhado do corregedor, alcaide e meirinhos, com suas varas na mão, e com eles trezentos cavaleiros. Ao entrar na porta principal da Praça da Cidade, aparceceram muitos homens e mulheres vestidos do modo que já tinhamos visto em Castella; formavam estes, três corpos de dançarinos. A primeira dança, chamada a Folia, compunha-se de oito homens vestidos á portuguesa, com gaitas e pandeiros acordes, e com guisos nos artelhos; pulavam á roda de um tambor, cantando na sua lingua, cantigas de folgar, de que tirei copia. Bem merecia tal dança o nome de Folia, porque volteavam como loucos, fazendo ademanes uns para os outros, como quem se congratulava da vinda do legado, para o qual constantemente se voltavam. A segunda dança, chamada a Captiva, era de oito moiros agrilhoados, que dançando á moda moirisca, se declaravam escravos do legado. A terceira, chamada a Gitana, era composta de oito lindas raparigas ciganas, vestidas de ricos e galantes indumentos, trazendo na cabeça uma Irlanda, feita á maneira de um chapeu de sol espalmado, mas elevado algum tanto no meio, á moda de pyramide, com um arco de prata, cheio de botões do mesmo metal, postos em forma de laços, de cerpes e de flores, dos quais pendiam pequeninos espelhos com laminas de prata de vario lavôr. Traziam cintos á antiga, de veludo, e brocado, faixas de fina tela moira, tomadas com laçaria de oiro; vestidos de pano encarnado, e socos de feltro de côres variadas. Vinham entre elas, duas moiras, trazendo cada uma em pé, sôbre os hombros, uma rapariga vestida de panos bordados a oiro, e talhados de galantes e variados modos. Com aquele pezo, bailavam ao som de um tamborim, enfunando-se com o vento os vestidos das raparigas, que faziam esvoaçar um lenço por varios modos, ora com a mão direita, ou com a mão esquerda, ora segurando-o debaixo do braço, ora nas costas, mômos estes que depois repetiram com punhais em diversas maneiras».

Não deverá tambem, o arguto investigador, deixar de revolver os velhos tombos do seculo XVIII, que foi o periodo evolucionista da dança, inaugurado por Luiz XIV, o grande propulsor da sublime arte.

Foi nessas galantissimas eras, que se desnacionalizou grandemente a dança portuguesa pois se viu dançar, nos faustosos serões de El-Rei D. João V, no Paço da Ribeira, o celebre «ballet du Roi», que fascinára, nos espelhados salões de Versailles, a côrte elegante do Rei Sol, e as pavanas, as galhardas e as alemanas, então em estonteante voga nos fidalgos palacios da velha Europa; e, mais tarde, nos graciosos serenins dados nos frondentes jardins dos palacios de Ajuda, de Queluz e do Ramalhão, pela Rainha D. Maria I, aligeiradas sarabandas, mesureiros minuetes e dengosos lunduns.

Por aqui termina este singelo anotado, que é bem a obra deficiente de um leigo em tão transcendental assunto, a quem, para sua desdita, não deixa o arreliante caruncho, meter-se em danças, para as quais, segundo um versejador do seculo XVIII, é preciso fazer todas estas dificeis habilidades:

Mover os pés a passos regulados.
Passos dar com harmonica cadencia.
Menear o corpo a gratos movimentos.
A compasso mover os pés ligeiros.
A regulados saltos elevar-se.
Trémulos passos dar, de arte guiado.
Doces requebros, passos compassados,
Que dos olhos alheios são encanto.
Formar ao doce som ligeiro côro,
Em que, dos pés, a languida lascivia,
Ofende o casto pejo do decôro.
Mostrar em côro, que ao Bacante iguala,
A dextreza dos pés, do corpo, a gala.

E. RAPOSO BOTELHO

RESULTADO DO "TOUR DE FRANCE" 1930

HUDSON 8 CYLINDROS CONDUCTOR MOREL E ESSEX SUPER SIX CONDUCTOR COLAS ACABARAM PERFEITA CONDIÇÃO GANHANDO TODAS MAIS ALTAS RECOMPENSAS TAÇA ANSALDO TAÇA DUNLOP TAÇA SPIDO — LAMY

HUDSON-ESSEX VICTORIOSOS

1929--ESSEX

ganha TAÇA ANSALDO e 6 TROPHEUS PROVINCIAES

1930--HUDSON-ESSEX

ganham TAÇA ANSALDO, TAÇA DUNLOP e TAÇA SPIDO

Agentes:

SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS, LTD.

Stand: 71, Avenida da Liberdade
66, Rua Alexandre Herculano

NOVIDADES LITERARIAS

Do romance «A Selva»
de Ferreira de Castro
TRANSCREVE-SE UM CAPITULO

O escritor Ferreira de Castro, talento vigoroso que por si mesmo se impôs, mocidade sã que conquistou á força de valimento proprio um lugar marcante na literatura portuguesa contemporanea, dispensa elogios. Quasi iamos dizer que não os merece, dado o descredito a que o exagero do adjectivo arrastou, entre nós, a porfia dos encomios.

A vida jornalistica, mas, sobretudo, a vida literaria de Ferreira de Castro, marca como um exemplo raro de inteligencia, de probidade e de trabalho. O seu livro «Emigrantes», ainda em pleno exito, foi um acontecimento grande nas letras portuguesas. O seu novo livro «A Selva», de que transcrevemos um capitulo, é já a certeza de uma decisiva consagração.

.....

De tão nitido, Alberto via tambem o espectaculo que as palavras sugeriam. O vulto alucinado do sedento, correndo atrás do exodo, colava-se-lhe ás pupilas como uma obsessão. E lá estava, lá estava a bracejar, aberta a bôca, desvairados os olhos, trémulo, rôto, empoeirado, cobrindo com a sua angustia, estampada na terra ardente, a galeria vegetal por onde a canôa singrava.

A pensar nas bravas gentes, Alberto enternecia-se e compreendia-as melhor. Já eram outras para ele, assim vestidas com os farrapos dramaticos que a Europa ignorava. Na Siberia encontrava-se sinonimia para o horror e as areias do deserto haviam já florido em muitos jardins literarios. Desconhecia-se, porém, do outro lado do Atlantico, o drama do Ceará, que a todos ultrapassava. No deserto até as feras eram raras; no sertão viviam homens. Lares fecundos, gleba cultivada, cada palmo que desabrochava era sempre uma esperança de futuro melhor. De dia, suava-se no trabalho e, á noite, uma viola gemia sob o feitiço do luar. Havia-os tão agarrados ao terrunho, que cuspiam com desdem sempre que lhes surgia, a desafiar a ambição, algum cearense enriquecido nas brenhas do Amazonas. Qual! Por cada um que voltava rico morriam lá cem com febres. Mas um dia a terra escaldava a sola gretada dos pés. Os rostos amofinavam-se e entrava o desassocêgo. Alguns, mais crentes, apresentavam ainda argumentos e exemplos de outros anos em que o mal não se desenvolvera. Eram escutados, seguidos—e todos se esforçavam por neles acreditar. Mas o sol queimava mais, as fontes já não tinham melopeia e eram agora tristes lacrimarios. A terra começava a arder. Secavam primeiro as plantas, iam-se depois os arbustos, e arvores velhas, que estavam na memoria de muitos que á sombra delas tinham brincado, punham-se a murchar tambem. Era o panico, o terrôr. Nos córregos, outr'ora múrmuros, só se ostentavam agora limos ressequidos e todas as bôcas clamavam por uma gôta de agua. Caíam, mortos, os animais, outros volviam-se furiosos e sempre, sempre o sol dos tropicos, em sua perene gloria, a dardejar sobre a terra em brasa os raios fatidicos. Um bafo ardente de morte varria todo o sertão. A propria lua crestava e já não eram endeixas que ouvia ao som dolente da viola. Só gritos de aflição subiam agora até ela dos casebres sertanejos.

Dava-se, então, o exodo, mais tragico e numeroso do que o dos antigos hebreus nos dominios da cristandade. Iam caravanas sem fim ao longo da terra em fogo. O sertão ficava abandonado: era só planuras igneas e lombas a arderem tambem. Quem entrasse nele, a trote largo de cavalo, só encontraria destroços, restos das vidas que se foram, esqueletos esmirrados e, para alem, na linha sangrenta do poente, lá ao fim da terra escarolada, a ameaça de não volver.

Partiam muitos, quando soava o rebate para a fuga, mas muito poucos chegavam á beira do mar redentor. O pó do caminho ia cobrindo, todos os dias, corpos exanimes de velhos e crianças, que os abutres mais tarde viriam devorar. As mães, por vezes, não resistiam e ficavam debruçadas sobre os filhos, primeiro em choro forte, depois com os olhos fixos numa torturante obsessão. Quando a morte se apiedava, já para elas o mundo ha muito tinha morrido.

Cada nuvem que se formava, tornava-se, para os que seguiam o inenarravel destino, castelo maravilhoso de irisadas esperanças. Mas logo se desfaziam as ameias errantes; o ceu ficava limpido, varrido de lés a lés e nem um só pingo de chuva caía sobre a terra encandecida. De novo desiludidos, os retirantes, vergados ao drama intenso, esfarrapados, sedentos, famintos, alcançavam um dia a capital do Estado, que se mirava sobre a riba atlantica. E dali partiam para nova odisseia. Uns, rumo ao sul, á terra rôxa de S. Paulo, onde floria o café; outros, quasi todos, cabeça voltada ao Amazonas, onde havia tradição de opulencia e exemplo de párias que volveram ricos. Era a conquista da fonte que o sertão lhes negava. Era a troca da terra que matava por falta de agua, pela terra que matava por ter agua em excesso.

Mas ningu a emipor seu pé. Pobres de tudo, menos de coração terno, deixavam-se definhar por carencia de passagem. Chegavam, então, os enviados dos seringais, que lhes conheciam o sofrimento e os levavam em grossa récua. E se não os encontravam em Fortaleza, porque o ano fôra ameno, iam-nos recrutar mesmo dentro dos casebres, por todas as varzeas e serranias do romantico sertão. A ameaça de nova séca e a ambição dum pecúlio expulsavam-nos dali.

Mas ninguem ía por seu pé. Pobres zonia, o que queriam era voltar. Mesmo os que se haviam arrastado em exodo, deixando na trajectoria os pais velhinhos em delirio, ou mortos os filhos de tenra idade, não pensavam noutra coisa além do setrão distante. Todas as riquezas da selva e sua rêde potamica, que compensava os longos dias de sêde, lhes pareciam obra mesquinha, se as punham em confronto com o logarejo em que tinham nascido. A brenha estava cheia da alma humilde do sertão e era ela quem cantava, quem rompia e quem chorava na maranha interminavel.

A vê-la, a ouvi-la e a evoca-la Alberto enlanguescia de ternura e já não julgava por bem seu assomo de altivez e seu orgulhoso isolamento no convez do navio. Mais do que as gentes, o trabalho e a solidão lhe traziam desanimo.

Para diante da barraca não havia sequer o recurso duma excursão, uma bôca compreensivel que ludibriasse as horas. As «estradas» lançavam a sua curva a oito ou dez quilometros e do que estava mais além nada se conhecia. Era a selva virgem e infindavel, pertença teorica dum senhor que media as propriedades apenas na margem do rio. Os fundos, tivessem cincoenta léguas ou cincoenta mil, tornavam-se-lhe indiferentes desde que não se pudesse levar lá os extractores de borracha. Legalmente, todas essas profundidades indesvendaveis tinham por dono Juca Tristão, admitindo duas rectas imaginarias e paralelas saindo do rio até Mato-Grosso; mas, em realidade, um outro amo existia, invisivel, feroz, enigmatico como a propria selva e que se comprazia em dançar, agitando o seu capacete de plumas, em volta da cabeça degolada do invasor. E outro pé humano não trilhara ainda essas bravias solidões, tão pavorosas e desconhecidas como no principio do mundo.

Uma tarde, ao regressarem do trabalho, Alberto e Firmino não viram a canôa no igapó. Entraram no defumador e tambem lá não se encontrava Agostinho.

—Aquilo é que já não pode andar com a agua na estrada e foi caçar ou pescar—futurou Firmino.

Alberto teve desejos de inquirir se não teriam sido os indios, pois não era natural que Agostinho houvesse interrompido a safra sem nos dias anteriores fazer alusão ao assunto. As aguas não haviam crescido bastante nas ultimas horas para que o labor tivesse de ser suspenso de imprevisto e preguiça não era, decerto, porque Agostinho envaidecia-se, precisamente, de nunca faltar á sua «estrada». Mas calou-se, para que o mulato não visse covardia na pregunta. Depois, a atitude calma do parceiro, sabido em todos os perigos da selva, era sintoma tranquilisador.

Defumado o «latex», recolheram á barraca e preparavam-se, na alpendrada para almoçar, quando Agostinho entrou. Trazia o rosto transtornado, os olhos sinistros e os labios singularmente entumecidos. Com a sua entrada, veio tambem algo de indefinivel, que se dissolvia no ar, pesando e inquietando.

Recusou, em voz surda, a comida que Firmino lhe oferecera e á pregunta—«Não foi hoje cortar?»—respondeu com um «não» breve, um «não» ponto final.

Firmino, surpreendido, quedou-se, de cabeça erguida, a contempla-lo, mas já ele lhe dava as costas e se dirigia para o dormitorio. Ali, abriu, sobre as paxiúbas, a serapilheira, e nela foi acumulando alguma roupa e objectos de seu uso. Depois, desarmou a rêde e o mosquiteiro, enrolando-os e metendo-os tambem dentro do alforge.

Firmino, que havia encolhido os ombros, em sinal de indiferença, ficara de novo em espectativa, sempre á espera de justificação.

Mas não. Agostinho persistia na mudez e, com o gesto nervoso de quem esqueceu pormenor de valia, desembainhou o seu terçado e foi lava-lo na lata da agua.

Estava cheio de sangue.

—O que foi que lhe sucedeu?

—Não foi nada—respondeu com a mesma voz surda e breve de ha pouco, deixando que a interrogação se mantivesse no ar.

Depois, ergueu a serapilheira, prendendo-a bem aos ombros, pôs o rifle a tiracolo, o chapeu na cabeça e ficou, a pensar, no meio da barraca. Por fim, estendeu os braços e caminhou para o amigo:

—Adeus, Firmino!

Foi um abraço longo e de silencio e, durante ele, Alberto viu correrem, pelo rosto de Agostinho, apoiado no ombro do mulato, dois grossos fios de lagrimas.

—Adeus, seu Alberto...

Desceu, em seguida, e os dois, encostados á porta, viram-no tomar a direcção da selva virgem, rumo ao misterio e costas voltadas ao povoado. E em breve desaparecia, deixando a clareira sufocada pelo mesmo ambiente que pesava na barraca.

Aos fumadores

Preferir os cigarros **WHITE HORSE** *(Cavalo Branco), não é só dar uma prova de bom gosto, é tambem habilitar-se a receber no dia 28 de junho proximo um gramofone de* **BRINDE** *que esta conhecida marca oferece,*

A venda nas boas tabacarias

MENDONÇA, L.DA

Compra e venda de propriedades

Mudou da Avenida da Liberdade para o Rossio, 74, 1.º, onde continua com o mesmo ramo de negocio.

MOVEIS ≡ ARMAZENS BARROCA

Mobilias de quarto completas. Ditas de casa de jantar. Ditas para sala, escriptorio e diversos moveis desirmanados a preços muito reduzidos. Sortimento em tapetes, carpetes, oleados, etc.

TELEFONE T. 1095 **RUA DA ATALAIA, 35**

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria **MADRID**
Rua do Mundo, 115

CARTAZ

TEATROS

Nacional — A's 21,45 — «O veio de oiro».
Trindade — A's 21,45 — «Los Bohemios» e «Los Granujos.
Ginnasio — A's 21,45 — «O segredo do harem».
Apolo — A's 20,30 e as 22,30 — «Senhor da Serra».
Avenida — A's 20,30 e 22,30 — «A bola».
Maria Victoria — A's 20,30 e 22,30 — «Pé de vento».
Variedades — A's 20,30 e 22,30 — «A Parodia».
Jellsen — As 21 — Companhia de Opera Italiana — «Bohéme».
Zof (Parque Mayer) — A s 21 — Julita Cartejon.

ANIMATOGRAFOS

Sl) Luz Cine — A's 21.
Politeama — A's 21.
Tivoli — A's 21.
Olimpia — Das 14,30 as 0,30.
Central Cinema — A's 21.
Cinema Condes — A's 21.
Chiado Terrasse — A's 21.
Odeon — A's 21.
Royal Cine, Rua da Graça, 100 — A's 21,
Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina). — A's 20,30.
Salão Ideal — A's 20,30.
Eden Cinema — R. Alvito.

Dancing's

Maxim's — Baile e Variedades.
Bristol Club — Baile e Variedades.

TEATRO AVENIDA
Telefone T. 5356
Companhia Portuguesa de Revistas
HOJE — DUAS SESSOES
ás 8,30 e 10,30
A BOLA

TEATRO DA TRINDADE
Ultimas representações da
C.ª Esp.ª de Zarzuela RAFAELA HARO
Tel. T. 976 — HOJE — A's 9 3/4
Estreia das celebres zarzuelas
Los Bohemios
Los Granujas

Leilão

No proximo dia 16, pelas 2 horas da tarde, vender-se-hão em 2.ª PRAÇA, os bens arrolados na falencia da fabrica de papel A RENOVA e existentes na C. do Marquês de Abrantes,, n.º 64-66.

Vão á praça por metade do valor do arrolamento.

Termas de Melgaço

FUNCIONAM de 1 de Junho a 30 de Setembro estas magnificas termas, notaveis para o tratamento dos diabetes, cloro-anemiados, artriticos, dispepticos, ulcerados do estomago, enteriticos, albuminicos, neurasthenicos, histericos, etc.

Balneario com todo o conforto

Monte-pio Geral

Associação de Socorros Mutuos fundada em 1840

Emprestimo 6 3/4 0/0 — Portos 1930

Pagamento da 3.ª prestação

Avisam-se os possuidores de cautelas definitivas deste emprestimo, e que o subscreveram neste Monte-pio, que devem entrega-las nos dias abaixo indicados.

O pagamento efectuar-se-ha na Tesouraria no dia seguinte ao da entrega das cautelas.

Dia 23	**até ao n.º**			**1.000**
» 24	**»**	**»**	**»**	**2.000**
» 26	**»**	**»**	**»**	**3.600**

Lisboa, 15 de Maio de 1930.

O Secretario da Direcção
(a) Henrique Lopes de Sequeira

Sortes grandes ?
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

A vela Bosch é a unica que lhe dá a maxima garantia de rendimento. Com a vela Bosch evita as "panes" de alumagem, pois sendo construida com isolamentos de primeira qualidade, e tendo os electrodes de forma a facilitar a "mise-en-marche", dar-lhe-ha toda a confiança do serviço. As actuais caracteristicas dos motores exigem velas de valores termicos diferentes. Por isso e para ter a certeza absoluta que escolhe o tipo de vela Bosch adequada ao seu motor, consulte a brochura "Em 5 minutos perito de velas". A' venda em todas as firmas especialisadas no comercio de automobilismo.

BOSCH

VIDAGO e PEDRAS SALGADAS

As grandes e melhores estancias de repouso e cura de doenças do estomago, rhins, figado, diabetnes, asthma, arthritismo, etc.

PEDRAS SALGADAS

Estação thermal de 1 de Junho a 10 de Outubro — Altitude 600m acima do nivel do mar. Distancia de Lisboa 495 km. e do Porto 145 km. Distancia de Vidago 12 km. por estrada esplendida e caminho de ferro, carreiras de autobus, e automoveis de aluguer. Serviço de comboios rapidos desde 1 de Junho. Clima de montanha, media altitude, excessivamente calmante.
Parque — Jogos ao ar livre e outros atractivos.
Casino — Salas de baile, de jogos, cinema. concertos, festas, etc.

HOTEIS

AVELAMES — Grandes melhoramentos, taes como «appartements» completos, quartos com agua corrente, quente e fria, etc. Aberto de 15 de Junho a 30 de Setembro. **Diarias desde 40$00.** Concessionarios: Cesario & Ramalho.
GRANDE HOTEL — Aberto de 1 de Junho a 30 de Setembro. **Diarias desde 35$00.** Concessionarios: Solleiro Alvarez & C. .
HOTEL DO NORTE — Renovação de mobiliario e outros melhoramentos. Aberto de 1 de Junho a 10 de Outubro. **Diarias desde 30$00.** Concessionarios: Narciso & Ribeirinho.
HOTEL DO PARQUE (Antigo Club Hotel) Aberto de 1 de Junho a 10 de Outubro. **Diarias desde 30$00.** Concessionarios: Atiliano Rodrigues.

VIDAGO

Estação thermal de 1 de Junho a 10 de Outubro — Distancia de Lisboa 503 km. e do Porto 156 km. Distancia de Pedras Salgadas 12 km. por estrada esplendida e caminho de ferro, carreiras de autobus e automoveis de aluguer. Serviço de comboios rapidos desde 1 de Junho. Clima suave, sem bruscas mudanças de temperatura.
Parque — Com o seu esplendido lago, jogos ao ar livre e outras muitas distracções.

HOTEIS

VIDAGO PALACE HOTEL — **Grandes melhoramentos, appartements e quartos com agua corrente quente e fria.** Telefonia sem fios. Bailes todas as noites, sports, etc. **Diarias normais.** Aberto desde 1 de Julho a 30 de Set. — Ped. de inf. a Cezario Delgado: até 15 de Junho, no Park Hotel-Lisboa e desde então em diante no Vidago Palace Hotel.
GRANDE HOTEL — **Diarias desde 30$00.** Aberto de 1 de Junho a 10 de Outubro. Concessionario: Manuel Fontans.

Consideraveis melhoramentos nos balnearios das estancias de Vidago e Pedras Salgadas, com as mais modernas instalações de electro-therapia, Raios X, laboratorios, etc. e reducção de 20 por cento nos hoteis acima mencionados desde a data da abertura até 30 de Junho.
Agua potavel abundantissima e magnifica recentemente captada tanto em Pedras Salgadas como em Vidago.
Dois rapidos diarios de Lisboa e Porto e ligação especial do «Sud-Express» até á Regoa, com wagons-restaurants.
Quaesquer informações sôbre hoteis devem ser pedidas aos seus concessionarios, que melhor poderão de pronto prestar esclarecimentos.

Deposito da Covilhã

Brindes a todos os freguezes

Grande Sortido de Lindas fazendas para verão

Cortes de fatos, desde	34$50
Cortes de sobretudos, desde	78$50
Sobretudos ja feitos, desde .	180$00

Vendas directas das fabricas ao publico

Não confundir

ROCIO, 93, 1.º

Manda amostras ao domicilio e para a provincia

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115

PIANOS

e
Autopianos
Rolos
Musicas
Gramofones — Discos

CASA OLIVEIRA — Rocio. 56. 57. 58

Edições da "Renascença Grafica"
á venda na Administração do "Diario de Lisboa"
RUA DA ROSA, 57, 1.º
Telefefones T. 152, 153 e 154

MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO..., por NORBERTO LOPES.
Esc. 10$00. Pelo correio 11$00.

PORTUGUESES EM ROMA, por NORBEBTO DE ARAUJO.
Esc. 10$00. Pelo correio 11$00.

BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOAO PAULO FREIRE (MARIO).
Esc. 20$00. Pelo correio 21$00.

"MORTIS"
(Marca e nome registados)
MATA UNICAMENTE OS ROEDORES
mumifica-lhes os cadaveres
e é o unico raticida
absolutamente inofensivo para as pessoas, crianças bébés, e para os animais domesticos
gado, cães, gatos, pombos, galinhas, etc.
A' venda em todas as drogarias

O DIARIO DE LISBOA vende-se: no Porto, A. Dias Pereira & C.ª, Praça da Liberdade; em Coimbra, A. M. Ferreira & Irmão.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone N. 5353

DR. ARMANDO NARCISO — Medicina. Coração e pulmões — 5 h.
DR. BERNARDO VILAR — Cirurgia Geral operações — 5 h.
DR. MIGUEL DE MAGALHAES — Rins e vias urinarias — 10 h.
DR. CORREIA DE FIGUEIREDO — Pele e sifilis — 12 e 5 h.
DR. LOFF — Doenças nervosas, electroterapia — 2 h.
DR. MARIO DE MATOS — Doenças dos olhos — 2 h.
DR. MARIO DE OLIVEIRA — Garganta, nariz e ouvidos — 4 h.
DR. MENDES BELLO — Estomago, figado e intestinos — 3 h.
DR. FILIPE MANSO — Doenças das crianças — 12 h.
DR. CASIMIRO AFONSO — Doenças das senhoras, operações — 2 h.
DR. A. CARVALHO DIAS — Nutrição e impaludismo — 4 h.
DR. ARMANDO LIMA — Boca e dentes, protese 12 h.
DR. ALEU SALDANHA — Raio X — 4 h.

ANALISES CLINICAS

Local

onde habitam muitas pessoas juntas ou como no inverno, que se aconchegam, aparecem a meudo doenças parasitarias da pele. Empingens, eczemas, grãos etc. curam-se rapida e eficazmente com o

Mitigal

que alem disso protege eficazmente contra novos contagios.

BAYER

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Horario dos comboios

1.º Aditamento ao Cartaz-Horario D. 202
Linha de Vendas Novas

A partir de 20 do corrente o comboio n.º 305, que chegava a Vendas Novas ás 21 horas, passará a chegar ás 21-05 horas.
Lisboa, 9 de Maio de 1930.
O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

Restaurant Club
R. Serpa Pinto, 12, 1.º
Esmerado serviço á lista e mesa redonda
Gabinetes

ESTRANGEIRO

SWING
a melhor lamina, especial para barbas rijas. Fabricada em
SANDVIKEN SUECIA

O QUE VAI LÁ' POR FORA

Poeira do Mundo

O contrabando de opio

GENEBRA, 15.

Na sessão de ontem do conselho executivo da S. D. N. o sr. Henderson, ministro dos Negocios Estrangeiros e principal delegado britanico, comunicou que o govêrno inglês está continuamente recebendo informações que demonstram a existencia dum vasto comercio ilicito de estupefacientes.

Ontem de manhã recebeu a informação de que um navio partiu ha pouco de um porto de certo país produtor, transportando 2.300 caixas de opio, no valor de 250.000 libras, carregamento destinado a contrabando, na sua totalidade.

Tal quantidade de opio, convertido em narcoticos, seria suficiente para envenenar toda a população do continente europeu, e utilizado em medicamentos abasteceria o mundo por alguns anos.

O aludido navio teria partido recentemente do porto de Bushire, no golfo Persico, com documentos para Vladivostock, e como todo o opio da Persia encontra o seu mercado na China, aquele carregamento deve destinar-se a contrabando para o Celeste Imperio.

O Conselho Executivo, em conformidade com as deliberações da Assembleia Geral da S. D. N., decidiu convidar a comissão do opio a adoptar todas as medidas possiveis para embargar aquele carregamento, assegurando de uma forma efectiva a representação nos organismos de fiscalização dos países não produtores.

Um tratado secreto

MADRID, 15.

A Agencia Fabra desmente a existencia do tratado secreto Hispano-Italiano de que fala a imprensa espanhola e estrangeira.

POLICLINICA DE SANTO ANTÃO
RUA EUGENIO DOS SANTOS, 84, 2.º
Telefone: Trindade 4631
Clinica Medica. Pele e sifilis, ás 9 e ás 17 horas: **Dr. Guido Cabral.**
Doenças da bôca e dos dentes, ás 14 horas: **Dr. Francisco Satúrio Paiva.**
Doenças das creanças e dos paises quentes, ás 9 horas: **Dr. Nuno Vaz.**
Doenças das senhoras, ás 17 horas: **Dr.ª Fernanda Pinto Ferreira.**
Ouvidos, nariz e garganta, ás 11 horas: **Dr. Gustavo d'Almeida.**
Rins e Vias urinárias, ás 17 horas: **Dr. Mendes Puga.**

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS e vias urinarias—Venereologia e sifilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.º ás 15 horas—Telefone 5205 N.

Ceramica de Construcção
TELHAS
(de todos os tipos)
MANILHAS DE GRÉS
TIJOLOS
(de todos os formatos)
PRODUCTOS REFRACTARIOS
AZULEJOS
(brancos, pintados e artisticos)
LADRILHOS DE CIMENTO
PRODUCTOS DE OLARIA
LOUÇA SANITARIA
MOSAICOS DE GRÉS CERAMICO
DAS FABRICAS DA
Companhia da Fabrica Ceramica Lusitania
Antiga Fabrica Bessiére
Rua do Arco do Cego, 88, (Campo Pequeno)
Telefones: 547-N. e 2626-N. — Telegramas: BREIÈRSS

Dr. Armando Narciso
Clinica medica
P. dos Restauradores, 48, 1.º
Telef. 2756 T.

O DESARMAMENTO NAVAL

A atitude da Italia

na conferencia de Londres

ROMA, Maio. — Grandi pronunciou na camara italiana um discurso em que se ocupou da Conferencia da Haia para a aprovação do plano Young, solução da questão da Renania e limite de armamento naval.

Falando desta ultima, disse que o desarmamento é um problema eterno que cançará os povos e as chancelarias. Afirma Grandi que o problema nasceu em Versailles e, mais particularmente, no artigo 8.º do Pacto da Sociedade das Nações, e que constitui o compromisso dos Estados vencedores, compromissos que ainda não tiveram execução, estando a Italia disposta a cumprir as obrigações resultantes dos tratados de paz.

Fez depois a historia das negociações de Londres, e justificou a atitude da Italia, porque esta nação é, sob o ponto de vista economico e estratégico, o país mais vulneravel entre todas as grandes potencias navais.

Explica a situação de Italia no Mediterraneo, onde tem cinco vizinhos, cada um dos quais pode, se assim o deseja, estabelecer o bloqueio das costas italianas sem utilizar nem um só navio de superficie. Não faria falta desembarcar soldados e travar batalhas; os italianos pereceriam sem ter sido vencidos. Esta é a situação dramatica dum país de 42 milhões de habitantes, fechado num mar de que outras nações têm as portas.

Apesar da atitude de França está a Italia disposta a renovar imediatamente as negociações interrompidas, aceitando a possibilidade dum acôrdo naval definitivo.

A colaboração franco-italiana é condição indispensavel para que a Europa ressurja da sua convalescença, e o Estado fascista deseja uma Europa pacifica e tranquila. Igualdade de direitos e de deveres: eis a base de justiça sôbre que deve erguer-se um acôrdo duradoro e de bons resultados.

A Sociedade das Nações será provavelmente séde das discussões do futuro, e a Italia deseja que a Conferencia do Desarme, em Genebra, tão anunciada e tão adiada, não o seja mais uma vez, preparando-se a participar dela com igual espirito ao que levou a Londres.

A Sociedade das Nações não foi concebida como uma Associação de vencedores contra vencidos, mas sim para se imporem os vencedores a si proprios obrigações para com os vencidos e para com todos. Estas obrigações esperam ainda a sua realização. Por outro lado ha Estados que em vez de desarmar se armam. Mas este conceito nebuloso, de que tanto se abusou nas discussões de Genebra, não servirá para justificar novos armamentos, causando suspeita e alarme duma nova guerra. E' necessario sair deste circulo vicioso duma vez para sempre. Só no terreno da realidade, mediante justos acôrdos para a redução reciproca dos armamentos, se criará a mutua confiança que permite a paz entre as nações.

NO CAMPO PEQUENO

TAUROMAQUIA

No domingo, na festa de Simãosinho, os cavaleiros são Ricardo Teixeira, Simão pai e o festejado

Simãosinho toureando a duas mãos

O atraente cartaz que já estava formado para a corrida de domingo no Campo Pequeno, festa artistica do brilhantissimo artista Simão da Veiga, filho, modificou-se no sentido de melhorar sensivelmente, com a inclusão de um novo elemento, elemento de valor comprovado e de seguro agrado da aficion, o cavaleiro Ricardo Teixeira, cujo mérito se torna incontestavel pelo facto de triunfar sempre que toureia, sem falhas nem tibiezas. Ricardo Teixeira, com o festejado e dom Simão da Veiga, pai, formam um trio de cavaleiros que muito de bom ha-de proporcionar com os touros de J. J. Segurado, que por descenderem de duas afamadas castas portuguesas, por virem em condições de tratamento esmerado e por serem puros sete deles, concorrerão por certo para uma animada corrida. Das condições esplendidas de lide desses touros saberão ainda tirar brilhante partido os matadores de touros *Alé* e *Facultades*, eximios artistas em tudo e especialmente em bandarilhas; os nossos bandarilheiros Custodio, Agostinho, Carvalho, Procopio e Gorjão, os espanhois *Sordo* e *Cantillana* e os pegadores alcochetanos que formam o grupo chefiado por Antonio Carraça, antigo, rijo e entusiasta pegador.

Os touros serão lidados em hastes limpas, com embolações de metal.

Abre ámanhã a bilheteira dos Restauradores.

O QUE VAI LÁ' POR FORA

Poeira do Mundo

A agitação na India

BOMBAIM, 15

O Govêrno tomou medidas para impedir a publicação do *Boletim do Congresso de Bombaim*. A ordem governamental convida os editores do Boletim a abster-se, durante dois meses, de publicar o jornal, seja de que maneira fôr, ou a fazer aparecer quaisquer escritos de natureza sediciosa ou susceptivel de provocar o odio e o desprêzo ao Govêrno da India Britanica.

SHOLAPUR, 15.

As fabricas de tecidos e os estabelecimentos continuam fechados. Esta manhã fizeram-se negociações para a reabertura das fabricas de tecidos no proximo sabado. Foi proibido o uso de tecidos indigenas.

LONDRES, 15.

Madame Naidu, sucessora de Ghandi, será presa no caso de dirigir o ataque dos voluntarios hindus ao deposito de sal de Dharsana.

LONDRES, 15.

Em consequencia da pilhagem efectuada pelos nacionalistas no deposito de sal de Shiroda, foram efectuadas 150 prisões.

Na côrte inglesa

LONDRES, 15.

O Rei e Rainha deram a noite passada a primeira recepção desta epoca, no Palacio de Buckingham.

Esta recepção foi a primeira a que o Rei Jorge V assistiu nos ultimos dois anos, espaço de tempo em que não se efectuou nenhuma recepção, por motivo da doença que o atacou.

O Principe de Galles, Duque de York e a Princesa Mary estiveram entre os membros da familia real presentes.

Quasi todos os membros do Corpo Diplomatico, acompanhados de suas esposas, foram á recepção, além de 800 convidados, que foram recebidos por Suas Majestades.

A segunda recepção realiza-se esta noite.

Condição que a impõem

Unica que não pode inquinar-se é a fonte da "Boneca„ **Agua de Vale Cavalos.** Nasce nas penedias da Serra de Cintra (Malveira) onde não existem moradores nem cultivos.

Purissima, considerada o tesouro do estomago e intestinos.

A mais antiga servida em garrafões. Peça-a hoje mesmo pelo Telefone N. 5072. R. S. Bento, n.º 634.

CONTRERAS & CONTRERAS, L.da

MARCA REGISTADA
Os VINHOS DO PORTO da casa
MORGADO & SILVA
Zeca
Morgado
Reserva
Garrafeira Particular
tonificam o mais delicado organismo

ODEON HOJE ás 21 horas
O super-filme alemão
A Canção do Destino
O «vaudeville»
A tentação de Broadway

ULTIMAS NOTICIAS

O que é a moda em chapeus para Senhoras?
Visite V. Ex.ª o
Salão Aureo
246, Rua do Ouro, 248

A ARTE E OS ARTISTAS

O Salão dos Independentes na Sociedade Nacional de Belas Artes

(Continuação da pagina central)

gancia, e, sobretudo, em nobre arquitectura plastica. Ruy Roque Gameiro é um talento em marcha. Da ascenção á perfeição alguns anos lhe bastam.

Pintou-se muito para este salão. Temos Sarah Afonso, que se aproxima da inocencia dos primitivos, apesar do pincel ser muito ridente; Emanuel Alteberg, que pode interessar; Lino Antonio, que apresenta bom e mau, fugindo muito ao desenho e perdendo a frescura do colorido, uma das suas melhores qualidades.

Jorge Barradas é um «grande» nesta exposição. Aqui está um «modernista» que o sabe ser, equilibrado, estetico, mexendo bem na paleta, com um belo sabôr decorativo, e sempre exemplar nas suas obras, densas de bizarria. Carlos Botelho é um optimista. O autoretrato, trabalhado sobre brancos, é curioso. O adjectivo pode ir, sem exagero, até ao superlativo. Uma senhora: Maria Clementina Carneiro de Moura, com uma mancha alegre e tropical de Lisboa, exuberante de sol, feita á margem das sugestões dos mestres nacionais e estrangeiros.

Passamos alguns artistas, que não nos fizeram deter, para atingirmos Dordio Gomes. Alguem. Revela uma maneira sombria, mas vigorosa e peculiar. Tintas dramaticas, assuntos aridos, que sé pela interpretação se impõem, Albert Jordain lapida as côres como se fossem diamantes. Em prismas que dão realmente irisações de luz, mas vão até ao tintamanesco. Fred Kradolfer é o que é. Pinta para si. Compreende-se e, por vezes, sente-se o que faz. Abel Manta é outro grande modernista, de envergadura forte, voando sósinho, com processos evidentes, que não trezandam a berundanga. «O fumador de cachimbo», que é ele, é uma esplendida e rial interpretação, assim como o violinista René Bohet, que tem a mão trabalhada com invulgar delicadeza. José Tagarro, é tambem um modernista a citar, entre os melhores. Passa para além da superficie das tintas. Pinta com inteligencia e uma revelação interior, que se adivinha tanto nos oleos, como nos lapis.

Desenho, secção relativamente pobre, onde interessa Almada Negreiros, estilizando admiravelmente; João Menezes Ferreira, com os seus pitorescos documentarios da guerra; Bernardo Marques, dando-nos exatas visões de Berlim, orgiacas de movimento; Milly Possoz, bizarra e simples, ingenua e muito artista, talento proprio e Luís Teixeira, este na aguarela, individualizando uma tecnica singular e de agudo relêvo.

Deixei para o fim a arquitectura. Não cito um nome, não destaco uma obra. A falta de espaço é pior que a guilhotina. No melhor do nosso entusiasmo, corta-nos o pescoço. Mas sempre quero dizer que se esta exposição é verdadeiramente moderna, independente, grito de morte ás banalidades arquitetonicas que enchem o país, hediondamente, deve-o aos seus arquitectos.

O grupo dos expositores é magnifico. Todo ele vale. Ultrapassa o seu tempo, porque está além dele. Infelizmente os seus projectos não passam de projectos... de areia e cartão. A cal e a pedra é para os alveneis e outros que só o não são, por erro do oficio.

ARTUR PORTELA

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Terminou hoje a discussão do "Acto Colonial"

Continuou hoje, na Sociedade de Geografia, o Congresso Colonial, para discussão do «Acto Colonial».

A sessão abriu ás 10 e 40, presidindo o sr. coronel Lopes Galvão.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. dr. João do Amaral. Disse que não tencionava falar, e que o faz por vêr que os titulos de muitas das pessoas que falaram não são as suas qualidades de coloniais, mas o que sabem de direito constitucional.

Afirmou que é urgente a publicação do «Acto Colonial» — que servirá para defender os nossos legitimos direitos á face do mundo.

-Ha uma crise geral nas nossas Colonias. E ao Estado cumpre criar o condicionalismo politico, para que a sua intervenção para solucionar essa crise seja util e eficaz. E' isso que pretende o «Acto Colonial».

O sr. comandante Correia da Silva lamentou o desinteresse «absoluto e inclassificavel» que vê:

— Eu sou politico, mas não faço aqui politica. Nunca fiz politica em administração colonial. Nem como ministro, nem como governador. Mas, como republicano constitucionalista, entendo que a discussão do «Acto Colonial» deve ser revestida da maior grandeza.

Outras frases:

— E' urgente ou não é urgente a publicação do «Acto Colonial»? Abatidas as bandeiras, eu estou ao lado dos meus adversarios politicos, afirmando que é da maior urgencia a publicação desse diploma, em face das cobiças numerosas e poderosas, que pairam sôbre as nossas riquezas colonias. Está formada, com séde em Lisboa, mas com capitais franceses e belgas, a companhia destinada á absorpção do Porto do Lobito. O «Acto Colonial», com as rectificações de que necessita, é urgente, indispensavel, inadiavel. *(Muitos apoiados)*. O diploma, evidentemente, tem muita coisa de superfluo. Mas, se, por acaso, vai enfraquecer a possibilidade de vêr vingar principios que ele defende, o atacá-lo e retalhá-lo, que se publique até na integra, porque daí não virá mal algum para o país.

Apresentou, por ultimo, algumas emendas ao artigo oitavo.

O sr. almirante Hugo de Lacerda pronunciou um longo discurso, terminando por pedir que seja aprovado o projecto, sendo dado imediato conhecimento ao seu ilustre autor das sugestões feitas no Congresso.

O sr. dr. Chaves de Almeida requereu que fôsse dada por discutida a materia, sem prejuizo dos oradores inscritos, o que foi rejeitado por maioria.

O sr. dr. Francisco Veloso refere-se aos oradores que o antecederam especializando o sr. Correia da Silva. Entende que ha a maior urgencia na publicação do «Acto», embora muitas das suas disposições estejam já publicadas.

O sr. Cunha Leal:

— Mas V. Ex.ª nos exemplos que aponta não refere os motivos por que se não cumpriram as disposições legais em vigor.

«Porque é que o sr. Filomeno da Camara poude declarar que é legitimo o regime da porta aberta para os capitais em Angola, sem que ninguem se lembrasse de o contrariar?

«Os principios só valem quando se aplicam e os homens encarregados dessa tarefa estão bem compenetrados deles.

O sr. dr. Veloso:

— Concordo com V. Ex.ª e ia completar o meu pensamento precisamente nesse sentido. Mas não acho demais que, num diploma como o «Acto Colonial», esses principios fiquem mais uma vez assentes.

O orador confessa que diverge de algumas disposições do «Acto», bem como da escolha do titulo, não julgando, porém, necessario estar a explanar essas divergencias por elas terem sido postas já por outros oradores.

Espera que o Govêrno atenda os votos emitidos pelo Congresso.

O sr. Cunha Leal entende que não sendo dado aos oradores o tempo necessario para usarem da palavra em termos de discutir com proficuidade o assunto, se retira.

O sr. presidente pede ao sr. Cunha Leal que não leve por diante o seu proposito, sendo apoiado pelo Congresso.

O sr. Cunha Leal explica:

— Não desejo ser desprimoroso para ninguem. Mas a verdade é que estou constatando que a discussão, nestes termos, é esteril.

Ontem, os srs. drs. Garcia da Fonseca e Domingos Populim tiveram de deixar as suas considerações em meio. Hoje, prossegue-se na mesma ordem de ideias.

Defendendo a doutrina, a necessidade e a oportunidade do «Acto Colonial» divergindo embora de algumas das suas disposições, falaram ainda os srs. coronel Ferreira Viana, Chaves de Almeida, Noronha e Castro e Garcia da Fonseca.

O sr. dr. Nogueira de Lemos referiu-se especialmente ao capitulo relativo a concessões, dizendo que o que se pretende legislar não constitui a maneira mais segura e eficaz de acautelar o nosso interesse perante as arremetidas de estranhos.

Não havendo mais nenhum orador inscrito, o sr. presidente encerrou os trabalhos, devendo amanhã reunir-se, pela ultima vez, ás 17 horas, o Congresso para apreciar os trabalhos da comissão de redacção.

UM ALMOÇO NO ESTORIL

A visita dos conselheiros do Comercio Externo Francês a Lisboa

(Continuação da pagina central)

Henrique Monteiro de Mendonça, Marcelino Nunes Correia, Carlos Queiroz, Roque da Fonseca, Melo e Sousa, dr. Soares Branco, Francisco Antonio Correia, Nobre de Melo, Alvaro Machado, Fausto de Figueiredo, Armando Navarro, Viana de Carvalho, Antonio Maria de Oliveira Belo, A. Spratley, Carlos Xafredo e muitas dezenas de convidados.

Os brindes

Aos brindes, a primeira pessoa a falar foi o sr. Ministro dos Estrangeiros, que saudou os nossos visitantes, fazendo o elogio da mulher francesa, da sua elegancia e do seu espirito, dizendo que os nossos dois países continuarão a manter as mesmas relações de amisade através de todas as dificuldades criadas pelo mundo moderno. Terminou bebendo pelo Presidente da Republica Francesa.

Seguiu-se-lhe o sr. Ministro de França, que exaltou a amisade franco-portuguesa, recordando que os franceses não esquecerão nunca a participação de Portugal na guerra.

Terminou brindando pelo Presidente da Republica Portuguesa.

O sr. Alvaro de Lacerda chamou a atenção dos nossos hospedes para certas leis francesas que muito prejudicam o nosso comercio de exportação, salientando o facto de importarmos de França quasi todos os artigos de modas, perfumarias, etc., que se vendem em Portugal.

Manifestou o desejo de que os membros do Conselho do Comercio Externo Francês se empenhem junto do govêrno e do Parlamento do seu país, no sentido de modificar essas leis.

O senador Terre, que falou em nome daquele organismo, declarou-se encantado com a sua visita a Lisboa e o sr. Gaston Gerard, ministro do Turismo de França, afirmou que tanto êle como os seus colegas fariam o possivel por esclarecer o govêrno e o Parlamento do seu país ácêrca dos prejuizos que certas leis francesas causam ao nosso comercio de exportação, manifestando a sua esperança de serem atendidos.

O Chefe do Estado na Sociedade Hipica

O sr. Presidente da Republica, acompanhado pelos srs. presidente do ministerio e ministro da Guerra, visitou hoje a Sociedade Hipica Portuguesa, admirando a taça de ouro da Peninsula, que será disputada no proximo concurso hipico internacional de Lisboa.

O Chefe do Estado foi recebido pelo sr. coronel Manuel Latino e por toda a direcção da Sociedade Hipica.

MAXIM'S HOJE
VERBENA MADRILENA
ás 21 horas Jantar á Espanhola
Numeros novos pelo grupo ELITE GIRLS

Hoje no BRISTOL
GRANDE EXITO da Companhia Cubana de Variedades
ARTE NEGRO
Formidavel JAZZ-BAND
TRIO MARYFLOR 2 ORCHESTRAS 2

CURIA
Soberana no artritismo, albumina, obesidade, Reumatismo, etc.
Abre a 15 de maio

PALACE HOTEL DA CURIA
550 quartos — Aberto todo o ano

SPUD UNICO CIGARRO BENEFICO A GARGANTA

mario monteiro
advogado
rua s. nicolau, 71, 2.º d.º